Jornal das Moças

ANNO III NUM. 70 400 RS.

Mlle. Hilda Magalhães

Mlle. Dolores Borges

Mlle. Irene Costa

Mlle. Giselia Bruzzi

Interessante Raymundo C. Lobão

Andrade

ANNO III ∞ RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1916 ∞ NUM. 70

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

A nota rubra de um grande crime passional veio, desta feita, de São Paulo. Não vale a pena rememorar o episodio, que já teve a mais larga divulgação. Basta assignalar que, nesse crime cuja qualificação seria facilmente encontrada na obra conhecidissima do Scipio Sighele, o criminoso não foi, evidentemente, o homem que, depois de ferir a mulher que o trahira, libertou-se do inenarravel supplicio moral a que o acorrentava a sua fina sensibilidade affectiva e moral, afundando na morte que é o supremo descanso e o supremo esquecimento. Não. Nessas tres figuras da tragedia, sobre as quaes demorou, um instante, a curiosidade morbida das multidões, uma apenas existe da qual se deve dizer que foi a criminosa e que não deve ser a perdoada. E' a do medico que, chamado á cabeceira de uma criança agonisante por um amigo incauto, entrou, desde logo, a exercer, sobre o espirito fraco e impressionavel da companheira desse amigo, um trabalho insidioso de seducção, até desvial-a do caminho em que, apoiada no amor do homem que a salvára da perdição definitiva, ella se regenerava. Esse é o grande, se não o unico culpado. Foi duas vezes trahidor e indigno, conspurgando, na ignomicia da sua falta moral, a sua propria profissão, que, abrindo-lhe as portas de um lar, deveria insistir no seu espirito desvairado pelas ruins paixões a serena consciencia de pelo menos ali lhe era defeso o exercicio dos pendores donjuanescos que o classificam como um dos mais perniciosos typos sociaes.

A proposito dessa tragedia em que perdeu a vida o puro e brilhante espirito de Ricardo Mendes Gonçalves, um jornal do Rio relembrou o caso parecido occorrido na França.

E' vezo antigo, entre nós, alludir a dissolução da sociedade franceza, decretada pelos que, daquella portentosa França que é a educadora do occidente, conhecem apenas as babozeiras e as perversidades moraes que enchem os ensaios de psychologia artificial e mentirosa do sr. Paulo Bourget e de quantos, de meio seculo para cá, em literatura de ficção se contentam em cultivar, como enredo e misturação, o adulterio.

Pois bem! Na França, occorreu, certa vez, um facto identico ao de S. Paulo. Tratava-se de um medico que, solicitado a accudir a um enfermo, seduzia-lhe a mulher. E no momento em que a seducção se consumma com a fuga do seductor e da adultera, o marido trahido, em uma reacção desesperada sobre a paralyzia que o anniquillava, appellou para a morte e, projectando-se de um sobrado ao solo, em face do casal fugitivo, deteve-o e impediu que a aventura fosse adiante. Resultado o medico conspurcador do lar ao qual fôra prestar os seus serviços profissionaes e que, com requintada crueldade, destruira, soffreu o repudio formal e castigador da sua classe. Não só foi expulso da sociedade scientifica a que pertencia como se lhe creou a situação das suas receitas não poderem ser aviadas em nenhuma pharmacia de França.

Afinal, corrido de vergonha e de opprobrio, vencido, talvez, pelos remorsos, teve elle que seguir o caminho da sua victima e procurar, na paz de um tumulo, o esquecimento para a sua falta.

Entre nós, que succede? Os seductores vivem, por ahi, festejados e tranquillos, Nenhum castigo os alcança. Nenhuma punição. A sociedade transige com elles. Ha, para as suas desabusadas aventuras, uma extranha complascencia. E os casos se multiplicam, sempre fataes quando a victima dessa infame trahição é, como o inditoso intellectual paulista, cuja radiosa e vibrante mocidade era cheia de esperanças e de promessas, uma creatura hyper-sensivel, segundo elle proprio, nas derradeiras linhas que escreveu para o mais intimo dos seus amigos, se confessava...

M. R.

Senhorita Walkyria de Mattos Braga

Fragmentos

A' distincta Mlle. Nair S. de Almeida.

Nessun maggior dolore
Che ricordassi del tempo felici
Nélla mizeria !

(PETRARCHA)

Não, minha doce amiguinha, a saudade não é a dôr que brutalmente nos dilacera o coração, e sim um lento ruir das nossas alegrias e ao mesmo tempo uma suave consolação que nos invade o sêr, ao revermos com os olhos d'alma cheios de ardentes lagrimas, scenas que nos emocionoram um dia, impellindo-nos aos sonhos paradisiacos da felicidade e do amor... A saudade é o supremo goso do coração infeliz; é a perola sagrada do sentimento, asylado no nosso amago; essencia do soffrimento, filtrado no coração que se desfaz em doces lagrímas,—aljofares luminosos que vêm marejar á flôr dos olhos...

Saudade e tristeza, unem-se bem psychologicamente, nascendo e morrendo do mesmo mal, de uma só dôr: e ha saudades eternas que vivem das reminiscencias tristes, alimentam se com as recordações que o tempo,—ampulheta que destrõe sonhos; intangivel alchimista que transforma o riso em amargo pranto, deixa em nosso coração, quaes cinzas ardentes de um vulcão extincto.

Crepe funereo, envolve o nosso espirito, como esguio cypreste projectando sombra n'uma necropole abandonada, despida das flores que a amizade sabe depôr sobre uns despojos amados...

Na saudade vive-se... morrendo, porque a saudade é como o veneno incoercivel, para o qual não é efficaz o poderoso antidoto das lagrimas; espelho que reflecte todos os sonhos roseos que no passado acalentámos; jazigo perpetuo das venturas mortas !

Saudade, é o delirio do coração mergulhado em trevas; é a onda do Styge qne asphixia e mata... synthese mortal de todas as agonias; nenia dorida das almas despedaçadàs pela magua, ao som da qual palmilhamos a estrada já percorrida. Cantico suave que nos faz ajoelhar contrictos e silenciosos, ante o tumulo onde repousa esquecida uma existencia inteira, e resuscita no intimo d'alma, a primavera ideal cujas flores, o tufão do destino arremcssou desfolhadas, ás ondas ululantes da desillusão.

No coração—metromono da vida—achamse em ebulição constante os vulcões da saudade, que espalham lavas ardentes por todo o nosso interior,—sudario tenebroso do desalento...

... Saudade ! eden da dôr, necropole do sonho; forte lacrimal da tristeza, que accentùa e suavisa em unisono gesto os soffrimentos intimos que nos torturam, e sacia a sêde espiritual que nos devora... anachoreta solitario, vive a rezar pelo passado, nos corações que sangram...

Saudade, aroma que ainda se evola da flôr estiolada pelo inverno da descrença; ultimo hausto da esperança extincta... monge que dedilha um eterno «requiescat» e acompanha o coração que se vae á pèregrinação da tristeza !

Saudade que vive, e perdura indistructivel; que espesinha o espirito, enchendo-o de sombras lugubres, e visões dolorosas de um passado morto, encarcerado no tumulo da magua, engoivado de lagrimas silentes...

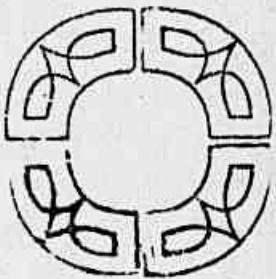
....

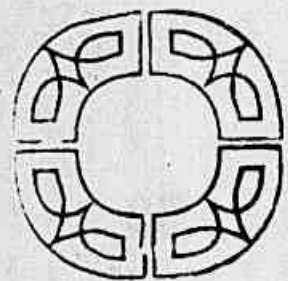
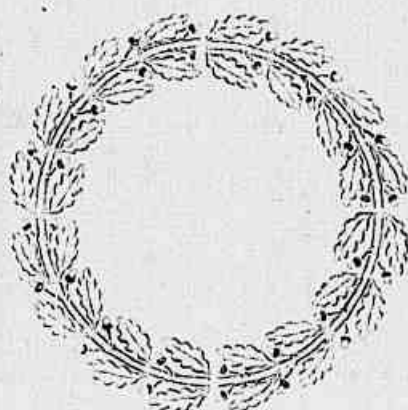
Não, minha doce amiguinha; a saudade não é a dôr que nos despedaça brutalmente o coração, mas sim a febre lenta e mysteriosa que envenena as fontes da vida, e nos atrophia a alma !

ALICE DE ALMEIDA

FACULDADE LIVRE DE DIREITO

Francisco de Almeida Cardoso — Capital

Manoel Machado Junior—Capital

Luiz Gonzaga Samiço—Ceará

Garcia Forjas de Lacerda—Minas Geraes

Albino Sá Coelho Filho—Districto Federal

Jorge Carone—Minas Geraes

Carta Réplica

Ao sr. F. Muniz de Albuquerque

(Eça de Queiroz contra C. C. Branco)

Meu caro amigo.

Perfeitamente, foi com sorpreza que deparei com a carta que você me dirigio pelas columnas do passado numero desta revista, convidan-me a «algumas palestras amigaveis», nas quaes eu demonstrasse o motivo por que me julgo com o direito de proclamar a superioridade de Eça de Queiroz sobre Camillo Castello Branco, «na modalidade litteraria do romance».

POSANDO PARA O «JORNAL DAS MOÇAS»

Mlles. Eleugina, Maria, Odette e Eliza. As meninas Carmen e Valentina

Os argumentos que você de mim reclama a respeito, só podem ser os mesmos que externei em discussões oraes, sem que comtudo eu pensasse na «imminencia de uma ruptura de relações intimas», porque sou da mesma opinião de que para tal não devem contribuir «nem Camillo Castello Branco, nem tampouco Eça de Queiroz».

Tenho da litteratura uma comprehensão que, si não é de todo original, não possue comtudo muitos adeptos; considero-a, não um meio de distracção ou de «passar o tempo», mas um agente poderoso na evolução da educação dos povos, uma força capaz de orientar a intelligencia humana na cultura do espirito, seja sob o ponto de vista subjectivo — o reflexo do temperamento de um auctor —; seja sob o ponto de vista objectivo — o desenho da sociedade ou de uma época que o livro desenvolva. A litteratura deve ser uma parcella de raciocinio; que guie o homem através das nuvens espessas da multiplicidade de conhecimentos scientificos, que hoje em dia são quasi tão numerosos como as estrellas do céo...

Penso não ser paradoxal quando affirmo que a litteratura digna desse nome só attingio o maximo de intensidade e valor, no periodo que decorre desde o ultimo quartel do seculo transacto, e faço excepção á obra de alguns escriptores, que preencheu nobres fins, taes como sejam Victor Hugo, George Sand, Balzac, Flaubert, os Goncourt e alguns outros, escriptores esses que trabalharam antes da época que delineei acima, na producção do romance. Por synthese, fallo da França, que é o centro da actividade cerebral de todo o mundo.

Adopto o anno de 1871 como ponto de partida da época que considero verdadeiramente litteraria, quando o genial Emilio Zola deu inicio á «Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le seconde empire (les Rougon-Macquart), titulo genérico da bibliothéca de vinte volumes que principia com «La Fortune des Rougon«, segue com —«La Curée, Le Veutre de Paris, La Couquête de Plassans, La Faute de l'abbé Mouret, Son Excellence Eugéne Rougon, L'Assonamoir, Une page d'amour, Nana, PotBouille, Au Bonheur desdDames, La Joie de vivre, Germinal, L'œivre, La Terre, Le Rêve, La Bête Humaine, L'ergent, La Débâcle»—e termina com o originalissimo «Le Docteur Pascal», em 1893.

Em 1871, portanto, realismo dava o seu

primeiro passo firme e resoluto, desenvolvendo a precursão de Balzac, dos Goncourt e de Flaubert, s sahio a lume o primeiro romance de Zola.

Portugal pouco depois ensaiou-se tambem em a nova escola, em 1874 com a pubsicação de «O crime do padre Amaro». Foi uma verdadeira bomba que estorou no seio da litteratura lusitana, até ali representada, no romance, pelo pateishmo, em que o amor platonico e superlativamente morrinhento, o sentimentalismo «lamartinesco», eram os protagonistas, quando estavam senhores do campo os Herculano, os Julio Diniz, os Rebello da Silva, os Pinheiro Chagas e quejandos...

Quem era esse ousado romancísta que havia tido o topete de pôr a descoberto as miserias tão falladas do clero, então um dos poderes mais solidariemente constituidos da veneranda monarchia

Ainda maior foi o estrondo em 1876, quando sahio do prélo «O primo Bazilio», estudo minucioso e frio da vida domestica da pudibunda Lisboa.

Choveram então as criticas acerbas, as censuras dicazes, e o nome de Eça de Queiroz passou a ser o symbolo da devassidão, do descaracter !

Ah ! era imperdoavel «offender» os brios de uma sociedade tida e havida por modelo de dignidade, que o era na apparencia, porque no fundo campeavam o lôdo, o vicio, e nella eram communs as Luizas e os Bazilios, as Julianas, os Accacios e as Felicidades !

Era um «ultraje» á religião, innominavel, pintar Amares, Natarios, Josés Dias, S. Joanneiras e Amelias !

No meio de todos esses rancores, de todas aquellas mordacidades em lettra gutembergriana, Eça deu provas de uma paciencia e de uma resignação admiravelmente socraticas, esperando o apaziguamento das paixões, o império da reflexão e do raciocinio, e, meu amigo, veio o momento de o proprio Camillo dizer que «O Primo Bazilio» era o romance mais doutrinario que jàmais sahira do prélo portuguez ! »

Após aquellas duas obras immorredouras, Eça escreveu em 1880 «O Mandarim», em 1886 «A Reliquia" e em 1888 "Os Maias".

Afóra "O Mandarim", romance de pura fantasia, os outros quatro cunharam a primeira phase da carreira do grande escriptor : o realismo. Mas, não o realismo puro e impassivel, frio e positivo, impessoal e ferino, como o de Flaubert em "Madame" Bovary", em «Salammbô» e em «Bouvard e Pécuchet»; ou o de Zola em «La Faute de éabbé Mouret», em «L'Assommoir» e em «Nana»; — e sim o realismo que se caracterizava na phrase de que «sob o véo diaphano da fantasia, a mudez completa da verdade».

Depois da sua analyse sobre o vicio, as impurezas e os desregramentos, a penna do glorioso romancista traçava o remedio contra elles, os meios de combatel-os ou mesmo de evital-os. As consequencias desastrosas que Eça pintava como filhas desses vicios, dessas impurezas e desses desregramentos, eram de modo a dar ao immortal romancísta a qualidade de moralista.

Os seus escriptos "educavam", instruiam", visavam nobres intenções; Eça punha a sua penna ao serviço de uma litteratura elevada, digna de estima e da admiração de sensatos. Definia essa litteratura a meu gosto, portanto.

Onde, caro amigo, indica você esses predicados na producção de Camillo !

Na maior parte das obras deste, o homicidio, o odio, o duello e todo um cortejo de sangrentas paixões humanas, têm uma fer-

NA ILHA DO ENGENHO

Pic-nic realizado no dia 24 pelo «Bloco das Féras»

tilidade espantosa. E' um genero de litteratura que arripia, horrorisa, que não presume o fim de engrandecer o espirito do leitor.

Não procede a affirmação que faz você de que Camillo seguia tambem com felicidade a escola naturalista.

Em «Vulcões de lama», Euzebio Macario e A corja» o manejo desse genero romancistico pede meças á troça e á chalaça, e, portanto, não tem indicios de acaçalar o espirito de quem o lê...

Você proclama que na obra de Camillo são lampejantes as descripções da natureza e dos costumes, a naturalidade do dialogo, o desenho dos typos; reconheço-o sem hesitações, e em alguns livros. Mas, nem sei mesmo exprimir a paixão de que me acho possuido quando em horas silenciosas manuseio as paginas de «A cidade e as serras,' e de "A illustre casa de Ramires".

Naquelle romance, a pintura da paisagem, o gorgeiar da passarada, o sussurro dos ventos brandos, o nascer e o pôr do sól, communica ao leitor uma sensação tão sobremodo impressionante, que as paginas e as lettras parece que se transformam em natureza, em passaros, em vento e no sol... Sobe-se uma serra de Portugal sem jámais se ter pisado a terra de Camões e Garrett!

Em "A illustre casa de Ramires", é verdadeiramente encantador o typo de Gonçalo Mendes Ramires!

Como é bella a execução do dialogo, como é ondulante a harmonia do estylo!

E' por isso tudo, meu amigo, que não balbucio em affirmar a superioridade de Eça sobre Camillo; creio que não conseguirei demovel-o do terreno que pisa com tanta inflexibilidade, contrariando-me neste ponto. Mas, não hesitei em dar inicio ás "palestras amigaveis" que da minha ignorancia reclama.

Descanso a penna na impossibilidade de de me alargar mais; espero ancioso uma tréplica que sem duvida será uma Joia litteraria.

Seu amigo dedicado.

HENRIQUE CAETANO DA SILVA

Capital, 13 de Setembro de 1916.

Mlle. Belleza de Jesus Garcia, nossa distincta collaboradora

SUPPLICA

A' adoravel Margarida — gentil collaboradora do "Jornal das Moças".

Já muitas vezes tive o prazer de lêr os teus escriptos, e em todos tenho encontrado a verdadeira prova de teus bellos sentimentos.

Não tenho a felicidade, que desejava, de conhecer-te, pois penso que nos separa o oceano infinito, mas, por meio deste querido jornalzinho, talvez encontre ao endereçar-te estas linhas, o lenitivo, o balsamo refrigerante, para a dôr de meu pobre coração!

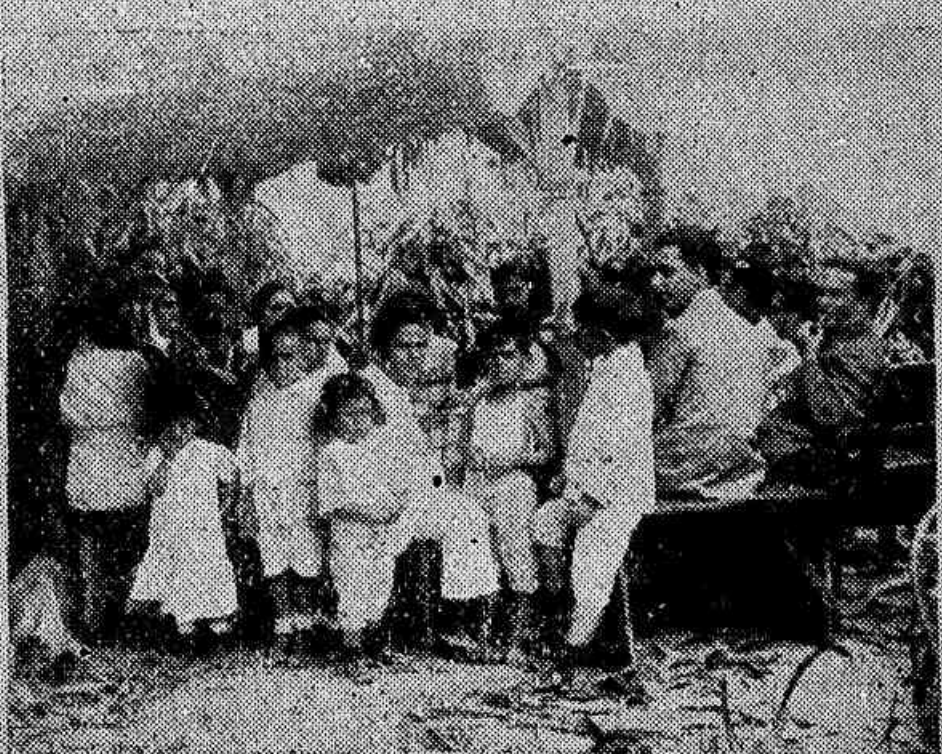
Ah! Margarida! perdoa-me, falar-te assim! Se soubesses o quanto já te estimo!

De todas as gentis collaboradoras deste jornal, foste a unica que a meu coração falaste directamente, desde o teu primeiro ao ultimo trabalho, e em todos comprehendi a innocencia de tu'alma e a bondade de teu magnanimo coração.

E's para mim, o anjo consolador que enviado por Deus, vem suavisar o meu triste viver!

Todas as semanas anciosa espero o jornalzinho, que traz-me as vezes a alegria de lêr os teus escriptos, mas ha muito tempo não tenho tido essa ventura. Porque não tens escripto? Os teus trabalhos são para a eterna noite de minh'alma, a lua brilhante e encantadora. Vem novamente brilhar no céo escuro de minha existencia, dando-lhe belleza e consolando meu pobre coração! Adeus! Satisfaz o meu pedido escrevendo sempre para o nosso jornalzinho, pois muito grata ficará a desconhecida amiguinha

YÉDDA.

Manaus, 8—9—916.

O anniversario de Mme. Blandina Lopes, em 30 de Setembro

Constancia...

Fôra na época do Carnaval!

A praça estava decorada de galhardetes amarellos, vermelhos e brancos.

Grupos de encantadoras mocinhas brincavam alegremente, esquecendo por momentos as maguas da existencia.

Não muito longe d'alli »elle» estava tambem se divertindo, quando casualmente seus olhos pouzaram sobre uma rival de Venus!

Que linda! Foi o primeiro grito de seu coração!...

Era na verdade, encantadora!

Contava 15 annos talvez, a edade em que a mulher mais deslumbra aos que a contemplam.

Criança e moça, alegre e delicada, logo captivou-lhe o coração, até então completamente indifferente ao amor.

A' «ella», tambem não passou desapercebido aquelle gentil mancebo que tanto a fitava, e procurando no fundo de sua alma a origem do que sentia, reconheceu que o travesso Deus do amor, a ferira com a sua envenenada setta, e fugia atirando-lhe rosas.

Que indizivel ternura, que mysterio não acordou n'ella esse sentimento divino, que nas azas de ouro da illusão, a levou a um eden por si ainda não sonhado?

Ambos tinham sido feridos pelo mesmo atirador!

Dias passaram-se e finalmente, depois de noites povoadas de sonhos, onde sempre surgia, envolta em nuvem de futura felicidade, a imagem da creatura idolatrada, foi confessado, entre curtas palavras cheias de encanto, o amor innocente e puro que nascera n'aquelle coração, encantadoramente como a flôr ao desabrochar.

«Ella» recebeu essa confissão sentindo-se tambem presa por uma força incognita, á aquelle que já amava immensamente.

Mas os momentos de felicidade são pouco e fugitivos! por isso, a fatalidade veio separal-os no momento em que gozavam as alegrias do amor.

«Ella» partiu para uma cidade distante, tendo porém, mais uma vez jurado ser-lhe constante e jamais esquecel-o.

Passaram-se os mezes, e quantas vezes encostado ao parapeito da janella, contemplando o lindo panorama da cidade, «elle», lembrava-se d'«ella»!

Atravez da sua existencia, via na escala chromatica do sentimento, ella chegar, sempre ella, afinando docemente a chave do amor.

E... suspirava! A saudade invadia todo o seu ser!

Porem o mesmo não se passava n'aquelle coraçãosinho que partira...

As festas... os bailes... faziam-n'a quasi esquecel-o, havendo porem momentos em que arrependia-se da sua volubilidade, e então, a imagem «d'elle», surgia ao longe, n'um sonho indecizo e consolador, como a brilhante e encantadora lua, atravez d'uma clara nuvenzinha

PIC-NIC NA ILHA DO ENGENHO

Recordações de 24 de Setembro.—Da direita para a esquerda senhorita Marietta, Luiz de Sá, Dr. Brazil e senhorita Marina

Um anno e tanto depois voltava ao lugar onde deixara immerso em saudade, um coração apaixonado.

Como foi commovente o encontro d'aquellas duas almas!

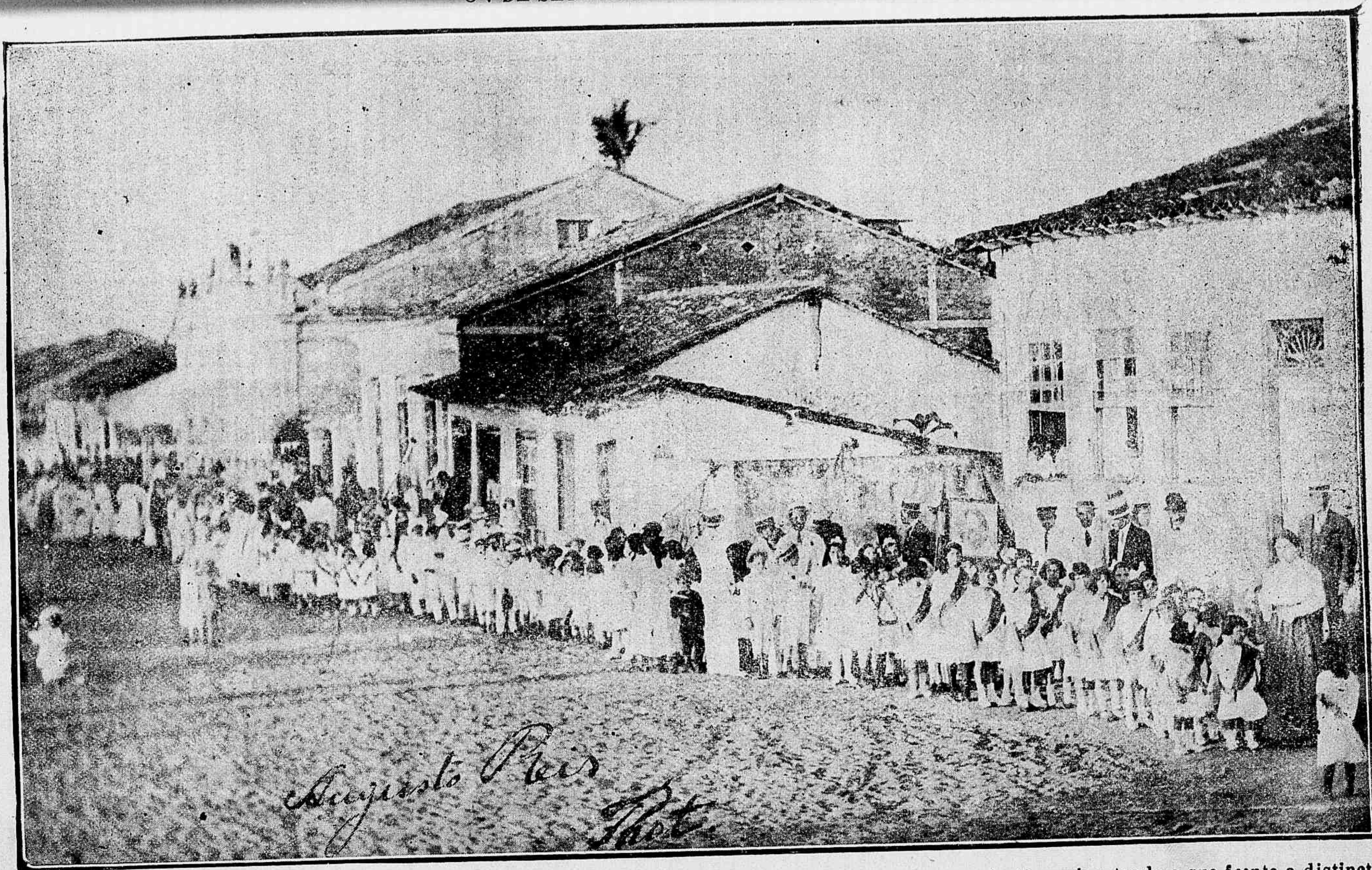
O coração de ambos palpitava com violencia, occultando aos olhos dos indifferentes o que alli existia.

«Elle» supplice fitava-a!

Finalmente uma graça divina veio em auxilio de ambos, fazendo novamente florir n'aquelles corações as divinas flores do amor

«Elle» esqueceu o passado que tanto o acabrunhara e reconhecendo ser ainda amado, renovou suas juras, esperando em Deus a felicidade desejada.

ONDINA.

O 7 DE SETEMBRO EM BELMONTE—BAHIA

Festa promovida pela Ph. Lyra Popular com a concorrencia de mais de 2000 pessoas, iolusive os alumnos de 12 escolas, tendo a sua frente a distincta professora D. Olinda Gaspar

As provas

O Exmo. Sr Victorino de Souza Bacellar, conhecido e estimado negociante em Rio Negro, Estado do Paraná, n'uma carta ao nosso amigo sr. D. Wigando Engelke assim se refere ao ISIS VITALIN:

...«Vou lhe contar de um milagre operado pelo medicamento que se denomina ISIS VITALIN, o qual é fabricado no Salto e tem deposito no Indayal, municipio de Blumenau. Eis o caso:

Gosando de boa saude, como sempre, tinha entretanto as vezes alguma tortura, isto sem duvida devido a meu constante trabalho de escriptorio, mas no anno passado ne dia 25 de Agosto fui acommettido de grande tontura, sendo aparado e conduzido á cama; tomei muitos medicamentos e fui tratado durante 3 mezes sem resultado algum para mim, que soffria dores atrozes em toda a cabeça especialmente na região frontal. No quarto mez. um amigo indicou-me o ISIS VITALIN visto ter sabido do proveito que produziu esse medicamento para enfermidades de cabeça, mandei logo comprar um vidro e comecei a uzal-o, de accordo com a prescripção no vidro. Graças a Deus e a esse maravilhoso remedio, do terceiro dia de uzo em diante fui sentindo grande allivio a tantos soffrimentos! e confesso que quando terminei o primeiro vidro eu ja me julgava resuscitado! aquelles dias atrozes já se haviam dissipado, a tortura desapparecido, de forma, que no dia 25 de Dezembro deixei a cama onde permaneci quatro longos mezes.

Estou continuando a tomar o maravilhoso remedio, com o que sinto-me cada dia melhor, mais forte e mais disposto...»

Subscrevo-me com estima de sempre.

Amigo e Obro. (Asssignado) *Victorino de Souza Bacellar.*

—o—

A nosso pedido o conhecido industrial sr. Gottlieb Reif. dignissimo Director da Companhia Fabrica de Papel de Itajahy, nos deu licença para publicar a seguinte carta:

Firma.

ISIS.

BLUMENAU.

Ha nove mezes, durante a minha doença, os amigos me enviaram um frasco do seu preparado ISIS VITALIN com o pedido de empregal-o contra minha fraqueza geral, falta de respiração e membros inchados. Fiz uso do preparado e poucos dias após senti consideraveis melhoras. Suspendi então o uso do ISIS VITALIN por 4 semanas e logo senti um decrescimento das minhas forças.

Por causa disto recomecei a tomar o ISIS VITALIN e hoje estou completamente curado, posso trabalhar como um joven e com o effeito do preparado estou tão satis feito que julgo meu dever participar-lhes.

Do amigo

Crdo. e Obro.

(Assignado) *Gottliebe Reif.*

:::::::::

O Exmo. Snr. August Stock, conhecido e estimado industrial em Joinville (Estado de Santa Catharina) assim nos escreve:

«Desde muito tempo soffri de grande nervosidade, que me impossibilitou no serviço da minha fabrica. Experimentei muitos medicamentos sem resultados. Obedecendo o conselho do meu medico comecei a tomar o ISIS VITALIN, que me curou em pouco tempo. Hoje acho-me completamente restabelecido.

O «Isis Vitalin», diluido em agua assucarada dà uma limonada de sabor agradabilissimo que, no verão, constitue um excellente refrigerante, desenvolvendo uma acção tonica sobre o systhema nervoso e por isso, toda a minha familia usa o «Isis Vitalin».

O «Isis Vitalin» é de alta concentração; de um frasco obtive 60 a 65 limonadas, sendo portanto muito barato, e pode ser usado por todos.

O emprego do «Isis Vitalin» é ainda muito recommendavel, porque fortalece o organismo e vivifica os nervos,

Aproveito a occasião para apresentar-lhes os meus sinceros agradecimentos.

Com estima e consideração

Sou de VV. SS.

Atto. amgo. e obro,

(Assignado) *August Stoch.*

XXXXXX

Do Illmo. Snr. Pharmaceutico Manoel Deodoro de Carvalho, conhecido proprietario da Pharmacia Minerva, em São Francisco do Sul, recebemos a seguinte carta:

«E' com immensa satisfação que scientifico a VV. SS. que, tendo eu aconselhado a diversas pessoas o uso de preparado do laboratorio de VV. SS. denominado ISIS VITALIN. como regenerador da força vital e como tonico por excellencia; os resultados obtidos pelas mesmas pessoas foram tão beneficos, que todos me vieram trazer os seus reconhecimentos pela feliz indicação que lhes havia feito.

Tenho tambem offerecido a innumeros freguezes o «Isis Vitalin» dissolvido em agua assucarada como refrigerante, sendo pelo seu sabor agradavel e acompanhado de sua acção medicamentosa, preferivel a qualquer limonada em uso commum.

Podendo fazer desta o que bem lhes interessar.

Subscrevo-me com alta estima e consideração.

De VV. SS.

Atto. Amgo. e Cro.

(ass.) *Manoel Deodoro de Carvalho.*

O «JORNAL DAS MOÇAS» NA PENHA

Pic-nic realisado domingo ultimo pelo sr. José Moreira e sua exma. familia

Correspondencia

SYLVIA MEDRADO — Sim, com muito prazer.

GABRIEL CALDAS— Recebemos e será publicado.

OCTAVIO SILVA— O seu soneto «Musa Lyrol» não serve.

RAUL G. ALBUQUERQUE—Sim.

CARLOS VIEIRA— Naturalmente extraviou-se. Mande-nos novo original.

EDUARDO N. DE SA' — Recebemos a poesia de Castro Alves. Já a conheciamos. Que bom cultivador dos trabalhos alheios é o senhor!

ANTONIO GUIMARÃES—Não sabemos.

AMADEU PASSERI — Trabalhos seus não nos servem, pois o sr. é um grande estellionatario dos trabalhos alheios.

Walkyria Fragoso Lopes e Archimimo Lapagesse,—acceitos os seus trabalhos.

AVISO

Os trabalhos poeticos ou contos litterarios que vierem assignados apenas, com as iniciaes, não serão acceitos.

O nosso numero de hoje

Honram a nossa capa, as graciosas senhoritas: Hilda Magalhães, Dolores Borges, Irene Costa, Giselia Brüzzi, residentes nesta Capital e alumnas da Escola Normal, e o galante petiz Raymundo Lobão residente em Belmonte—Bahia.

O nosso concurso literario

Sobre a guerra

Entrelaçada de orchidéas e rosas, escondia-se a pittoresca vivenda do Senhor Vanier nos arredores de Verdun.

Era aquelle abrigo, um verdadeiro ninho de amor onde a felicidade sorria entre perfumes e beijos innocentes.

Pela manhã, aos primeiros lampejos da aurora, um ruflar de azas multicores, rompia a penumbra, despertando numa symphonia harmoniosa, o casal feliz, que adormecia sonhando.

A choupana das orchidéas, como lhe chamavam todos, encantadoramente festonada, erguia-se á sombra de frondosos carvalhos, no centro de extenso jardim, fechado por uma tranqueira de varas, coberta de flores agrestes.

Ao fundo serpenteava um corrego escondido, onde a passarada vinha beber a christalina agua, antes do sol mergulhar a loira cabelleira.

As borboletas, em bando alviçareiro, volitavam em torno das flôres polychromicas, abertas aos beijos puros do orvalho, que tapetavam os canteiros, sugando-lhes o nectar precioso; emquanto os colibris doirados entoavam á janella engrinaldada de flores, a musica com que despertam os corações amantes.

Vinha casar-se a esse devaneio o canto dolente das cigarras, festejando a entrada triumphal do dia.

O interior da poetica choupana era embalsamado pelos risos innocentes de um gracioso Bêbê, que constituia a alegria e o thesouro d'aquelles dois entes, entregues ás delicias do amor conjugal.

A' noite, quando a lua placida apparecia na tela esmaecida do firmamento, os jovens Vanier, reunidos no caramanchel, deliciavam os effluvios do amor, cingidos num frenetico e demorado amplexo.

De longe, vinha quebrar o profundo silencio, o saudoso marulhar das aguas enchendo de harmonia aquelle recinto, illuminado pelo luar que boiava no lago azul, onde pulchras estrellas scintillavam em phosphorescencia de prata.

Emquanto gozavam, unidos, os encantos sublimes da natureza, envoltos no sendal sereno da noite, adormecia no interior, a interessante Bluette, entre atufados de renda do poetico bercinho.

A luz de uma lampada que bruxuleava no quarto permittia divisar a physionomia candida da loira creança a sorrir.

Assim passavam os dois esposos a existencia feliz.

Mas, como tudo se transforma, porque a vida nada mais é que uma provação offerecida pelo cadinho de materia em que vivemos, os momentos de ventura passaram celeres e o destino mostrou-lhes a caminhada da dor.

Declarou-se a guerra essa brutal conflagração européa que arrasta a miseria e á ruina o velho mundo.

Todos os filhos da briosa nação alistaram-se para defender o solo patrio.

Vanier sentindo o sangue da gloriosa França, a terra da liberdade e do amor, escaldar-lhe nas veias, quiz partir.

Bertha, a esposa amiga, implora-lhe de joelhos que não a deixe entregue ao isolamento, que tenha pena do pobre anjinho que morrerá sem recursos.

Vanier lança um olhar para fóra e divisando, ao longe, o quadro triste que se desenhava, deixou escapar uma lagrima num frio sorriso de dor.

—Ouve, disse elle, o troar dos canhões que abalam a nossa choupana!

E' a voz da Patria que me chama ao cumprimento do dever!

Eu a amo com orgulho devo correr em seu appello sacrificando toda minha felicidade em prol da sua gloria.

Não te revoltes contra aquelle que te abandona para defender os brios de uma nação que se ergue gloriosa e immortal!

E' preciso que mostremos o valor da nossa raça que não treme diante do sibilar mortifero de balas inimigas!

Longe morria o sol, deixando cahir os derradeiros raios sobre as aguas do Mosa.

Por toda a parte o troar surdo dos canhões enchia o espaço de profunda tristeza.

Vanier vendo correr, para o lado onde parecia vir o ruido surdo das metralhas, homens de carabina em punho, lança um ultimo adeus ao filho extremecido e beijando, de encontro ao peito a pobre Bertha, foge para o campo de batalha, abandonando a choupana de orchidéas.

Senhorita Aldeyda Lopes

Chegando ao acampamento entrou a lutar com uma energia de heroe, disposto a sacrificar a ultima gotta de sangue.

Passaram-se os dias, nem uma linha, nem uma noticia recebia a infeliz mulher cuja miseria lhe batia á porta.

Elle por sua vez ignorava tudo quanto se estava passando, no seio querido da familia abandonada.

A avalanche se approxima e Bertha é obrigada a deixar a poetica habitação e refugiar-se numa agua furtada distante do departamento de Mosa.

Ahi, passava as noites solitarias contemplando a loira criança, pensando nos destinos da guerra cruel.

Os soldados haviam saqueado a choupana, transformando-a num montão de ruinas.

Verdun era uma verdadeira praça de guerra e pouca gente se conservava em suas casas.

Bertha avistando ao longe as lanças inimigas reverberarem, sahio do quarto miseravel para indagar do marido que se debatia no campo da honra.

Sabe então que elle fora victima regando o solo com o sangue precioso.

No auge do desespero derrama copiosas lagrimas dirigindo, em postura religiosa, uma prece pelo descanço daquelle que fora a luz da sua vida.

De subito um estrondo abala os arredores de Verdun, era uma forte descarga que ceifa o resto das victimas, deixando a terra juncada de cadaveres.

A pobre mulher, pallida e encovada, trajando o seu vestido negro, escancara as janellas e clama, com o coração despedaçado, a protecção do Anjo de Guarda para o infeliz que dorme completamente alheio as torturas que os afogam no desespero da dor.

Deus compadecendo-se da triste situaçoã d'aquelles entes, envia-lhes a protecção do Anjo que os abriga nas azas diaphanas da paz onde se conservam até o momento que escrevo essas tristes paginas.

HELENA D. NOGUEIRA.

TRISTEZAS

Ao inspirado e scintillante poeta Gumercindo Reychmann.

Lendo em um dos numeros do «Jornal das Moças» uma linda e inspirada poesia intitulada: «Minha Infancia», despertou-me com tanta impetuosidade as saudades dos meus primeiros annos que não podendo contel-as deliberei escrever algumas linhas ao autor genial daquella composição tão scintillante, porque a sua grandeza de sentimento, a sua força de imaginação bem podem comparar-se ás minhas saudades, saudades desse tempo de criança! Minha querida infancia!

Foste decerto, como eu, bem feliz nessa idade que hoje tanto choras!

Que bellos versos! Que sentimento profundo! Faz tambem o poeta desditoso das «Primaveras», rememorar a facilidade grandiosa de G. Dias, faz avivar o estylo magnifico de T. Ribeiro! Quanta inspiração, quanta grandiosidade de alma!

Não o conhecia nem o conheço, emtanto, ao ver-lhe a photographia li em todo aquelle semblante tristonho a odysséa de uma felicidade perdida! Uma tristesa funda, incomprehensivel, um ideal tão elevado que talvez nem os queixosos rythmos possam espandir.

Que bello conjunto, que sublime colleção deve ser a dos «Primeiros Versos»! Se o poeta me permittisse lel-os... mas não, não quero... far-me-ia mal essa leitura!...

MLLE. HELENA PIRES

Senhorita Emilia Lameirão S. Paulo

ENTRE DOIS AMORES

Original de MARGARIDA DUVAL

N. 9

A festança no Barreado terminára sobre uma chuvarada fragorosa.

A ventania varrêra os laranjaes açoitando violentamente a casinhola. D. Roquinha recolhêra todos os convidados e corria a fechar as janellas. Depois do jantar, começaram as danças que só terminaram, pondo ponto á festa, quando no céo, já limpo de nuvens, fulgurou o plenilunio.

Gilberto pudera, emfim, fazer um mais estreito conhecimento com a Luizinha. Entenderam-se perfeitamente. A' despedida faziam-se já juras de amor e o moço lamentava que, por causa do mau tempo, não tivesse apparecido o Dr. Stanislau a quem desejava ser apresentado pessoalmente.

— Mas é apparecer lá por casa. Eu o apresentarei, dizia a rapariga.

— Pois está feito. Procuro um pretexto e appareço...

De volta Gilberto veiu acompanhar o bando até ás primeiras casas da cidade e quando, emfim, retornou para a Independencia levava uma grande resolução tomada. Luizinha, alma ingenua e franca, não lhe escondêra os sentimentos que lhe burbulhavam no coração. Que diabo! Não estava fóra da edade de casar e podia ter confiança no futuro. Falaria ao padrinho.

Luizinha, chegando á casa, não trazia preoccupações differentes. Pensava tambem em Gilberto, nas suas palavras, no encantamento dominador da sua firmeza mascula, na doçura do dominio que logo ao primeiro contacto estendia derredor. Amal-a-ia elle como dissera? Corresponderia com a sinceridade que ella cobiçava, aos sentimentos que enchiam o seu coração? Por certo que sim. De sua parte, amava o rapaz desde que o vira, no primeiro encontro no club.

No dia seguinte, cedo, o Dr. Stanislau, antes que a Luizinha sahisse para a habitual visita ao Recolhimento, procurou-a, desculpando-se ainda de não ter ido ao Barreado pelo trabalho excessivo e, afinal, pela trovoada e o temporal que cahira. Mas soubera da immensa pandega...

— Sim. Divertidissimo. Faltou o papae. E não era eu sómente a reclamal-o. Havia outras pessoas.

— Pois, não é só no Barreado que me pódem ver, si o querem. Si sou assim tão desejado, que venham cá, não achas?...

A Luizinha ria-se, encantada do bom humor do Pae.

— Pois é verdade, Papae. Diversas pessoas. A gente da Independencia tambem.

— O Dr. Barreiras?

— E o afilhado, o Gilberto...

— A que tempos não vejo o Barreiras. E teria vontade de trocar duas palavras com o bom velho, ouvir-lhe alguma nova anecdota.

E mudando inopinadamente de assumpto:

— Luizinha, vaes ter um hospede talvez importuno.

— Um hospede?

— Socega. Gente mesmo da terra. E' o Bepo, do Nunes. E' um imbecil, como sabes, anda tristonho, precisa sahir d'ali. O Nunes, ao que parece, pensa em internal-o n'um manicomio. Percebi-lhe essa disposição e tive pena do rapaz, já sem mãe, tão infeliz. Traga-o, pois, para passar uns dias comnosco. Evita-se a ida para o hospicio, ao menos por emquanto. Desagrada-te?

— Desagradar-me? Essa é boa. Pois si o pobrezito é tão desgraçado e si a gente póde alegral-o um pouco. Agrada-me. A Rosa arruma-lhe um quarto, cuida-lhe da roupa...

— Mas convém tel-o sempre á vista, avisava Stanislau.

— Pois está ahi o Pedro para isso.

Ficava, assim, assentado que o Bepo iria passar alguns dias em casa de Stanislau, a pretexto de distrair-se. Que teria occorrido, pois, entre o juiz e a tabelliôa? A que diabolicas combinações obedeceria esse plano de arredar o rapaz da casa do Pae, pondo-o precisamente sob as vistas do juiz?

Só mais tarde será possivel saber.

***

Bepo, que recalcitrára em acceitar o passeio á casa do Dr. Stanislau e só accedêra, cheio de rancor, sob ameaça da madrasta de mandal-o para o hospicio, já estava no seu quinto dia de hospedagem no «chalet» do juiz e não queria saber de voltar para o cartorio.

Qual o segredo dessa mudança?

Quem podia responder á pergunta era o Pedro, creado da casa de Stanislau e que sempre junto do pobre imbecil e dormindo com elle no mesmo aposento, poude surprehender-lhe toda á rapida mutação moral e sentimental.

Sahindo da atmosphera de odio e de máos tratos da casa da madrasta, Bepo fôra encontrar, sob a meiguice e os carinhos angelicos de Luiza, o paraiso com que nunca sonhára. Na casa do juiz não era apenas a encantadora menina que procurava acaricial-o, cercando-o de cuidados e envolvendo-o n'um doce enleio de amabilidades e delicadezas. A Rosa e o Pedro egualmente, pesarosos do pobre rapazote e sob a influencia da boa Luizinha, eram-lhe doceis e promptos para tudo quanto pudesse alegrar-lhe os dias de sua hospedagem. Sómente Stanislau evitava estar com o Bepo e apenas com elle se encontrava á mesa, tratando-o, aliás, com extrema affabilidade. Bepo, desconfiado, encolhia-se sempre deante do juiz e calava-se, olhando-o, observando-o, de soslaio. Mas logo, á voz de Luiza que o encantava esquecia a catadura do Doutor, esquecia o caso do cofre e abria-se em riso e satisfação.

E agora já o rapazelho, quando o vinha visitar o Nunes e lhe dizia que era tempo de voltar para casa, entristecia e fazia-se molle, sempre plantado ao pé da Luizinha, submisso como um cão de collo, docil, meigo e accommodado.

De uma feita, porém, como a menina o mandasse passear um pouco e logo após sahisse, ella propria, a um passeio sem o prevenir, Bepo atirou-se para o fundo da cama, amarfanhado, triste, sem querer comer todo o resto do dia. De outra vez, porque a Luizinha falasse á Rosa, muito alegre, na proxima visita que com o Pae iria fazer á Independencia onde estava o Gilberto, o pobre imbecil immediatamente murchára a vivacidade e se puzera calado e triste de fazer piedade.

(Continúa)

Senhorita Aida Barbastefano — Capital

Lavagem de seda preta

Para se lavar perfeitamente a seda, desfaz-se um pouco de fel de boi em sufficiente quantidade de agua a ferver, e com uma esponja molhada nesta esfrega-se a seda pelo avesso e direito, com bastante egualdade, depois do que se espreme muito bem e enxagua-se em agua de rio até a agua sahir bem clara; espreme-se outra vez sem torcer e põe-se a seccar ao ar livre muito bem estendida.

Logo que esteja secca, lustra-se, e, esfregando pelo avesso com uma dissolução de colla de peixe, escova-se brandamente e com promptidão.

Se porventura a seda tem perdido a cor, será necessario avival-a, deitando, ao enxugal-a, cinco ou seis gottas de acido sulfurico.

Vestidos para senhoras

Franqueamos á visita de todas as senhoras do Rio de Janeiro as nossas collecções sem rival de vestidos, abrangendo centenas de modelos inteiramente novos, seja em

Vestidos de lingerie, vestidos de taffetás, costumes tailleurs de linho

ou qualquer outro tecido proprio da estação.

Pedimos sobretudo que observem os preços reduzidissimos por que estamos vendendo, e assim se convencerão que em PREÇO, QUALIDADE e ELEGANCIA, nenhuma casa pode competir com o

PARC ROYAL

PARC ROYAL

Pessôas presentes á «soirée» intima realizada na residencia do sr. Fausto Augusto da Fonseca, na noite de 8 do corrente, anniversario de sua exma. espoza d. Palmyra Avila da Fonseca

Notas Mundanas

O máo tempo muito prejudicou as festas da semana passada, pois, muitas foram transferidas; todavia algumas foram realisadas, não lhes faltando concorrencia e alegria, e em todas predominou com elegancia e graça o bello elemento da sociedade e das festas — a mulher.

———

Os dias luminosos e limpidos foram poucos, porem apreciados em excesso e repletos de attracção e novidades; os demais dias, encobertos e tristes, visitados por implacavel chuva fina e intermittente, contrareava e desanimava as pessoas que tinham promovido as suas festas.

———

O recital de despedida do maestro Dumesnil, realisado domingo passado no salão do «Jornal do Commercio», teve uma concorrencia extraordinaria e selecta.

———

A' 13 foi realisada com grande exito a quarta hora musico litteraria no «Lycée Français», cujo programma foi cumprido pelos artistas com apurado esmero.

———

Muitas conferencias foram realisadas durante a semana, sobresaindo a do commandante Muller dos Reis, sobre «Reserva Naval»; a do 2º tenente engenheiro machinista Cicero Santos, sobre «Pelas Nossas Florestas»; a do coronel Rego Barros, sobre assumptos de defesa nacional; a de Mozart Monteiro, na Escola Normal, sobre «Missão Historica do Novo Mundo e a necessidade do americanismo».

Muitas outras foram transferidas.

———

A exposição de Bellas Artes, organisada pelo Centro Artistico Juventas, no Lyceu de Artes e Officios, continua muito visitada e frequentada pelo publico.

Na Galeria Jorge foi inaugurada a exposição dos trabalhos de pintura das Sras. Regina Veiga e Maria Pardos.

A frequencia a essa exposição tem sido extraordinaria, e outra não poderia ser tendo em vista os bellos trabalhos de inspiração e arte das discipulas de Rodolpho Amoedo.

———

Nos Clubs de Football innumeras senhoritas têm abrilhantado as festas nelles realisadas.

A victoria do Flamengo sobre o São Christovão e a do Andarahy contra o America foram festejadas com grande regosijo.

A festa do «Sport Club Mackenzie, em favor das escolas do 12° Districto, realisada no domingo ultimo, esteve muito concorrida e interessante.

O extenso programma foi cumprido com exito e sempre applaudido pela numerosa assistencia.

Seis partes do programma tiveram o concurso de diversas senhoritas, tendo algumas obtido victorias.

***

O Turf Carioca tem tambem realisado esplendidas corridas.

A do Jockey Club, realisado em 12 do corrente, em regosijo á Descoberta da America, esteve bastante concorrida e animada, predominando, facto raro, nas archibancadas o elemento feminil.

Muitas senhoritas elegantes e ricamente vestidas abrilhantaram a festa.

***

BAILES. — «O Centro dos Choreophilos» offer cerá aos seus socios um baile no dia 21.

CONFERENCIAS. — Hoje, 19, no salão nobre do Circulo Catholico, o padre Dr. João Gualberto do Amaral, fará a sua conferencia sobre o "Evolucionismo e a sua nona prova bacteriologica: as pecetinas."

CONCERTOS. — No salão nobre do "Jornal do Commercio" será effectuado no dia 28 deste mez um concerto organisado pela Sra. D. Thereza de Queiroz Santos, com o concurso do professor A. Bevilacqua.

***

CASAMENTOS

Consorciaram-se no sabbado ultimo os seguintes senhores e senhoritas: Tenente Alberto de Almeida Pinto com a senhorita Ielvina da Costa, filha do Sr. Honorio Ribeiro da Costa.

———

O funccionario publico Mario da Costa Valle com a senhorita Herminia Villaça, filha do Sr. Armando Villaça.

BAPTISADOS

Baptisaram-se na Matriz do Engenho Velho, as interessantes meninas Nicia e Nadir, dilectas filhas do dr. Alberico Couto, nosso collega d'«A Rua», e d. Guiomer Couto.

Foram padrinhos da primeira, o Sr. Mauro de Almeida, nosso collega d'«A Rua» e d. Maria Amelia Couto.

A' pia baptismal serviram de padrinhos da segunda o Sr. Rafael de Borja Reis e d. Ignez Costa.

———

NASCIMENTOS

O lar do Dr. Octavio Tarquinio de Souza, administrador dos Correios do Estado do Rio, e de sua Exma. esposa D. Maria de Lourdes de Souza, foi enriquecido com o nascimento de sua filhinha Lucia Maria.

———

O capitão Matheus Nunes teve o seu lar enriquecido com o nascimento de um pimpolho, que receberá o nome de Helio.

Acha-se em festas o lar do Sr. Mario Soares de Magalhães e sua esposa D. Adozinda de Magalhães, pelo motivo do nascimento de sua primogenita Suzette.

***

ANNIVERSARIOS

Fez annos a 13 a graciosa senhorita Olivia Guimarães.

***

Fez annos no dia 15 a Sra. D. Thereza Velloso, dignissima esposa do Sr. Marino Velloso e Silva.

***

A gentil senhorita Irene Biangolino festejou o seu anniversario natalicio no dia 15, motivo por que recebeu innumeras felicitações.

***

A senhorita Thereza Guimarães, filha do Sr. Gustavo Guimarães, completou mais um anniversario no dia 15.

***

Festejaram os seus anniversarios natalicios no dia 16 as meninas Irenith e Noemia Rangel, filhas do capitão Pedro Pereira Rangel.

***

Fez annos no dia 16 a senhorita Aida Britto, filha do Sr. Sebastião de Britto.

***

Por motivo do anniversario natalicio da senhorita Zulmira Carrilho da Fonseca, filha do Sr. Dr. Elviro Carrilho da Fonseca e Silva, no dia 16, esteve em festas o seu lar.

***

Fez annos no dia 16 o Sr. Paulo Vidal, jornalista e funccionario publico.

— a senhorita America Monteiro Silva, filha do coronel Antonio Monteiro da Silva.

***

A senhorita Marina, filha do Dr. Honorio Coimbra festejou o seu anniversario natalicio no dia 16.

***

Fez annos no dia 20 a senhorita Hylda de Souza Castro, filha do Sr. Augusto de Souza Castro, funccionario publico.

***

Fez annos no dia 21 a senhorita Iracema Meyer, filha do capitão Antonio de Souza Meyer.

***

No dia 23 completará mais um anniversario o menino Nelson, filho do Sr. Nelson Duarte Silva, funccionario publico.

***

O Sr. Domicio Duarte Silva festejará o seu anniversario no dia 23.

***

Por motivo de seu anniversario natalicio a senhorita Odette Ribeiro, filha do Sr. Armando Ribeiro, offerecerá no dia 24 ás suas amiguinhas uma "soirée" dansante.

::::::::

Grupo de senhoras e senhoritas presentes a «soirée» offerecida pelo [illegible]
por occasião do baptisado de suas filhinhas Nicia e Nadir, realisado no dia 1 do corrente

Notas da Semana

Este mez ficou glorificado com a consagração do dia da festa da criança.

Tantos têm sido os acontecimentos em torno da vida infantil que se poderia dizer que o mez de outubro se tornára o mez da criança.

Raphael Pinheiro, talentoso jornalista, fez surgir o dia da «matinée» infantil, mais um passo de progresso da educação, destinada as crianças das escolas publicas.

A ideia luminosa desse nosso distincto collega foi bem acolhida e a primeira festa foi realmente aproveitada e bastante concorrida.

Ainda a criança foi a causa da demonstração de humanidade que a nossa população tem pelo seu proximo.

Um homem do povo, solteiro e moço, por heroismo e humanidade, prejudica a sua vida para salvar a de dous menores, que seriam victimas de uma fulminação electrica se elle, n'um momento de abnegação completa do seu ser, não afastasse de perto daquellas innocentes o fio electríco que o matou.

Actos dessa natureza são dignos de todos os encomios e de apreciação.

D. Julia Lopes de Almeida, defensora e propagadora dos dotes da mulher, e Affonso Lopes de Almeida, autores do livro «A Arvore», acabam de receber um officio de congratulação e uma moção de applausos pelo relevante trabalho.

A empresa Guanabara-Film está fazendo passar nas telas dos cinemas desta cidade o primeiro film de sua producção— «Perdida».

Esse trabalho nacional, extrahido de romance do escriptor brasileiro Oscar Lopes, está dividido em seis partes e confeccionado com luxo e gosto.

Façam todos os brasileiros ou estrangeiros domiciliados em nossa patria esforços de progresso como fizeram os emprezarios da Guanabara-Film, que muito breve estaremos tão desolvidos nas artes e sciencias como os outros povos mais adeantados que nós.

XXXXXXX

XXXXXX

Ao meu Oriodo

Meu coração sem o teu amor viveria desolado e triste como a meiga avesita distante do seu brando ninho.

MYSTERIOSA.

MODOS E MODAS

Blusa de voil e toilette de taffetá

Neste verão a moda parece não se preoccupar com a estação. E' verda e que as variações rapidas e notavel differença de temperatura que se ha notado ultimamente, parecendo que voltamos aos frios e humidos dias de Julho, justificam esse capricho da moda e attenuam os exotismos de diversas toilettes, de fazendas leves usadas com delicadas pelles.

E permitte, tambem que alguns modelos de lã, venham concorrer com os trajes da estação quente, que se atravessa, dando maior variedades aos modelos que ostentam nos pontos chics da nossa bella Sebastianopolis. Já fizemos ver numa das nossas chronicas que, nos guarda-roupas femininos, é indispensavel ter a mão uma toilette de inverno, mesmo no rigor do verão, pois a pouca firmesa das estações apresentam de quando em vez sorprezas desagradaveis.

E o exemplo tivemos durante esta quinzena fria, humida e triste que penosamente vamos passando.

Os chapeos seguem a mesma variação das toilettes. Vemos de todos os modelos como um retrospecto das estações que se foram.

O mais interessante é a desobediencia a uniformidade que deve existir entre as toilettes e os chapeos. Encontramos assim, senhoras com trajes de crepon, tafetá, voile au tulle, puramente ou combinações, usando chapeos pesados, feitos de velludo, pequenos, variantes dos modelos masculinos e só proprio para inverno. A par desses ahi pullulam in-

Toilettes de crepon, tafettá musseline e linho

numeros typos graciosos, bizarros de forte audacia creativa, mais discordando dos apropriados para o verão.

Os chapeos que a moda admitte para esta estação são de abas largas coberto de seda, ou outras fazendas leves.

Observamos que as senhoritas estão dando com muito acerto preferencia aos sapatos ras s e baixos, deixando para a volta da estação fria as botinas de canos altos.

::::::::

A' boa Rosinha Gomes.

O desprezo é a melhor vingança que uma mulher pode dar ao homem que nos illude com seu amor.

::::::::

B'usa de musseline e voile

XXXXOXX

A' hora da saudade

Tristonha, muda e maguada, sahi a ver o mar...

Era á tardinha. Soprava uma viração suave em demasia quando cheguei á praia.

Iam e vinham devagar as ondas espumantes,n'um murmurio delicado e dormente,que me enchia a alma de uma porção de emoções nunca sentidas.

O céo era de ouro e purpura com uns longes cor do mar. De vez em quando, um estremecimento quasi imperceptivel me percorria o corpo; talvez fosse o halito da noite que chegava...

Meu olhar pairou sobre o dorso esmeraldino do mar, com uma tristeza indefinida!

— Meu Deus! - murmurei — De que me serve estar aqui? Estas aguas são insondaveis como o seu olhar e não me deixam esquecel-o!

Uma pequenina concha azul — dourada, appareceu sob uma onda que fugia. Um debil sorriso se escapou de meus labios. O oceano, sabedor da minha tristeza, misericordioso, enviava-me uma distração.

Levantei me, fazendo um gesto facil para buscal-a e no mesmo instante recusei ante a vaga que voltava. Tres vezes a minha imaginação julguei facil, a empreza e tres vezes ainda fui menos ligeira que o mar.

Agora, a concha balançava-se no regaço da onda e parecia sorrir da minha importancia. Empolgou-me um desejo louco, inexprimivel de possuil-a e eu olhava o céo, a areia e os montes, como que pedindo um auxilio e lamentando a minha insufficiencia! E a concha a sorrir!... Era demais! Um instante ainda hesitei, mas a noite descia sempre e cobria a Serra e o mar com o seu negro manto de velludo.

— A concha será minha! — exclamei, e quando a onda fugiu, arremessei o corpo. Houve um momento de silencio ancioso, até que o meu braço se agitou no ar como um mensageiro de triumpho; porém não tive tempo de voltar.

Uma vaga, zangada sem duvida por eu a ter enganado, voltou mais raivosa, cobrindome de espuma; a concha pequenina parecia tremer em minha mão. Apertei a com uma vehemencia inaudita e quando a onda passou, sorri vencedora. Pallida, com os cabellos molhados e os membros hirtos, senteime novamente na areia; depois, com um cuidado extremo abri a mão.

Ha momentos na vida, em que concentramos todos os movimentos num só; instantes em que todos os nossos pensamentos convergem para um mesmo ponto e afastam qualquer possibilidade de distração.

Nessa occasião, eu só pensava na concha prisioneira.

— Tão bonita! — murmuraram os meus labios; e depois tive ideia de como seria bom correr assim atraz da felicidade, disputal a ao mar do desengano e regressar vencedora e feliz·

— Tão bonita! — murmurei novamente, sorrindo.

Subito, porem, o sorriso desfolhou-se em meus labios e uma lagrima silenciosa roloume pela face.

Chapéo apropriado para o verão

— Fatalidade! — exclamei, a concha é azul como os seus olhos, dourada como os seus cabellos! ..

A noite descia sempre e eu chorava.

— Meu Deus! Tudo me fala ao finado amor! Tudo o que existe possue um átomo desse ente adorado!

A lua começou a surgir.

— Esperarei a lua; — pensei — talvez a sua misericordia seja tão grande que me faça esquecer a magua que tão profundamente me fere.

E puz-me a olhar o céo.

A rainha da noite approximava-se, medrosa, puxando sobre si uns grandes farrapos de nuvens, como que desejando velar se

— Tão bonita a lua! Tão branca!

Perdido o primeiro receio, ella se mirava nas aguas, limpida e pura, dando-lhes uns reflexos opalinos e doces; e eu esquecia por completo o meu amor infeliz, quando o astro, talvez por descoberto ter nesse momento a minha presença, illuminou me com um dos seus raios vitreos.

Foi enorme o meu sobresalto e julguei que ia enlouquecer, porque no raio marmoreo e frio da lua, havia o mesmo quebranto do olhar que eu adorava e queria esquecer.

— Fatalidade! Fatalidade! — repetia eu entre soluços, maldizendo o mar, o céo, a [illegible] que haviam avivado em meu peito o fogo de um amor que tendia a adormecer!

E a lua sorria como sorrira o mar; mas o que mais fundo me entrou na alma dolorida, foi o marulhar distante das ondas que parecia um riso sarcastico e violento e que ainda hoje fere me os ouvidos como a nota de um orgão que geme ainda, longe, muito longe, ao final da derradeira vibração.

YÁRA DE ALMEIDA.

::::::::

O travesso e galante Paulo (9 mezes), filho do sr. José Pereira Guimarães

XXXXXXX

Ao distincto Joaquim Ferreira de S. Junior

(EM RESPOSTA)

Se eu soubesse que te recordando o meu amor sincero, iria despertar o teu purissimo coração, eu teria muito antes expandido as queixas do meu coração torturado pela saudade de teus leaes carinhos...

Tu dizes me amar sinceramente... Como? pois se sou desconhecida como um naufrago perdido na immensidão dos mares ..

Eu te supplico — não recuseis indicar a inicial do nome da tua F. Bertine, e então, talvez eu não mais soluçarei de tristeza e sim de alegria, porque, como a grande artista, eu sei chorar e rir: Rir quando o coração chora... chorar quando o coração ri..

FRANCESCA BERTINE

::::::::

O Pequeno Mercador

(Traduzido por Athanagildo A. Vasconcellos, para o «Jornal das Moças»

(FIM)

A MÃE

Não dando seu pae o dinheiro que pedia, tomou emprestado de um agiota trinta francos, pagando um juro fabuloso. O interesse era grande e cada anno subsequente o agiota recebia uma bôa quantia de juros.

As fivelas já estavam usadas e a moda já tinha acabado, quinze annos mais tarde o pae morreu, deixando a seu filho um bom pedaço de terra. O agiota se apresenta, elle nada obtem e prometteu-lhe ainda de se apoderar do resto, um anno depois elle tornou a apparecer e desta vez se tornou mais exigente obtendo um pedaço de terreno e um grande pasto, e, ainda que pareça inverosimil a aquelles que não tenham testemunhas, o par de fivelas ficou em dez mil francos.

PEDRO

Eu não usarei fivelas.

A MÃE

E' serio o que tu dizes, Pedro, eu tenho horror a esses agiotas. Nossa pobre casinha e nosso campo. Renuncio a tua ideia? Tu és um bravo, o bom Deus te proteja, vae!

PEDRO

Eu creio, minha, minha mãe, que essa está melhor. Eu resisto e eis aqui como pretendo fazer: Vós conheceis o bello castello... que!

Então! Eu vou á procura de M. o conde e sua mulher, e lhe pedirei um cesto.

A MÃE

Tu vaes mendigar, meu filho!

PEDRO

Mendigar? nunca! não, é ao contrario, uma bella acção de ir ao protector dos pobres: tendes piedade de mim? Emprestae-me a somma necessaria para comprar a minha primeira partida de mercadorias; e a proporção que eu fôr vendendo no paiz extrangeiro eu vos darei a metade do meu ganho.

A MÃE

Tu és um menino sabio, pequeno Pedro. Elle parece ouvir meu pobre marido. Que perigo nada, nada, nada. Os proverbios são lá para nos encorajar. Então! si á jornada é bella tu irás amanhã ao grande castello. Emquanto tu vaes, do palacio eu irei á capella de Santa Josepha rezar.

CHRISTINA

Tu me levas irmão.

Senhora condessa me fallou um dia que eu fosse passeiar no seu bello parc: «Tu és gentil, vem brincar com meu filho.» Eu tenho doces vermelhos que tremem sobre o pão.

Magdalena, a mãe desses felizes filhos acabava por tomar confiança nos projectos de Pedro. Tem se visto, pensava ella, um menino tão corajoso como este tirar sua familia da miseria, meu Pedro é capaz! Porém ficarei triste de não ouvir mais a sua voz sonora igual a de seu pae. Porém tenho esperanças de me encontrar com elle quando estiver correndo os lados do Norte e do Sul.

Magdalena não era sómente uma mãe extremosa, era tambem uma mulher de senso. Ella deixa sua razão natural dominar sua sensibilidade, e acaba por entrar corajosamente nos projectos de seu pequeno Pedro.

Logo que amanhece ella prepara as primeiras vestimentas de seu filho, o veste com gosto, e sentada na porta da casa ella o vê partir, com as suas mãos cheias de embrulhos de mercadorias: depois de ter levado os olhos ao céo, um sorriso doce e triste corre nos seus labios.

::::::::

Schottisch

OLHOS TIMIDOS

Por A. O. Dias

«Ah ! Já sei, eram castanhos os lindos olhos que vi»

Falla a sciencia

Tudo podeis experimentar, entretanto, eu posso affirmar-vos que o melhor producto é o VIDALON.

Não são apenas passageiras enfermidades que se apresentam combatidas pela poderosa acção deste tonico. Não. Vae muito mais longe a sua fama sob este ponto de vista. Curas maravilhosas se têm operado com o seu uso, mesmo nos casos de enfermidades chronicas.

A DYSPEPSIA, que até então zombava da therapeutica a despeito de todos os seus recursos, tem no VIDALON o mais serio inimigo. Dadas as qualidades medicinaes das plantas que entram em sua composição, este poderoso tonico estomacal, destaca-se entre os seus congeneres.

Sobre o ponto de vista puramente scientifico, o VIDALON apresenta o maior successo obtido, já pela excellente combinação dos seus ingre dientes, já pela certeza da sua acção rapida no organismo.

Convém a todos, sem distincção de edade, o uso deste excellente tonico. Quando si quer substituir as cellulas nervosas ou, nos casos em que se faz necessario apenas retemperal-as, o VIDALON exerce uma funcção incomparavel. Os organismos DEPAUPERADOS e ANEMICOS, os convalescentes de molestias graves, encontram no VIDALON o meio mais efficaz de refazer ás forças pela creação de novos globulos sanguineos, eliminando ao mesmo tempo, os estragos causados no estomago pela serie de medicamentos ingeridos no periodo da enfermidade.

DR. PEDRAVIO D'ABREU.

A VIDA

Ao meu Idolatrado Papae.

Já vem da mais tenra edade
Os dissabores da vida,
Tem queixas a mocidade,
Chora a velhice abatida.

Conservarei com saudade
Nossa affeição tao querida :
E' rara a felicidade.
Sempre a côr é repartida.

A sorte é mui rigorosa
Traz o povo desolado
Desde o rico ao pobresinho...

P'ra mim a vida é ditosa
Basta que eu viva a teu lado,
Não me falte o teu carinho...

Bello Horizonte, 2—10—916.

ZINIA ORSINI DE LACERDA

EXTREMOS

Entre os berços e os tumulos,
vae-se a vida.

MONTEIRO DE BARROS

Os berços onde dormem innocentes,
Sao gondolas que os levam ao porvir.
Tudo nelles alegra e nos faz vir,
Lindas recordações em nossos poentes.

Os esquifes são náus onde os viventes
Todos hão de algum dia emfim partir,
Tudo nelles é triste e faz sentir,
Amarguradas dores aos descrentes.

Os berços só para o porvir navegam
Como os esquifes só para o passado
Verdades estas que se não denegam.

Entre os berços e os tumulos—querida
Tu, por mim, eu por ti apaixonado
O espaço enchemos, que é chamado—vida.

Rio, 28—9—916.

ARNALDO RODRIGUES

Amor desfeito

Vejo te casta, muda amargurada :
E sei, por isso, a dor que te amesquinha,
Sei, tambem, a saudade que se aninha,
Na tua alma saudosa e apaixonada !

E noto, nos teus olhos, degregada...
Uma esperança pallida e mesquinha,
Causa, talvez, da dor que te espesinha
Em contorsões de amores, minha amada !

Soffre sosinha !... E saberás ouvindo,
Que, tambem, sinto por te ver soffrendo...
Que, tambem, soffro por te ver sentindo !

Mata sequer : Eu saberei, no entanto,
Contemplar nesse olhar desvanecido,
Um pranto vago, um dolorido pranto ! !

GENESIO CAMARA

LOUCA !...

Ao Gustavo Pinto.

Do mocho ouvindo o gargalhar plangente,
No cemiterio a louca blasphemando,
De cabelleira solta olhar fremente
Ao mesmo tempo rindo é soluçando,

Ante os sepulchros vae se ajoelhando
E, traduzindo o que su'alma sente,
Em cada qual uma oração resando,
Percorre o campo santo, lentamente...

De subito, porem, ella se espanta,
Vendo surgir o vulto de seu pae...
—O phantasma do amor que se levanta !...

E em convulsões, a desditosa louca
Tenta abraçal-o e não podendo cae...
Morta sentindo o coração na bocca !...

WALKYRIA FRAGOSO LOPES

Volupia do soffrer

(Ao meu bom irmão Virgilio Domingues.)

Suppunhas-te feliz na vida, e cedo
Fere-te, treda, a setta da Desgraça,
Qual passaro sem ninho que esvoaça
N'um espinhoso e acerrimo degredo !...

Risonha crença de um porvir tão ledo
Mão fatal adunca, fere, esgaça,
Emtanto o pobre Homem, crente, traça
Da sina o trilho n'este mundo tredo !

E a vida, como a lévas, despresado,
Dos proprios homens vis, acorrentado
Aos pezados grilhões do Mundo Eterno !

Se existe Deus, p'ra que soffremos tanto ?
Se nesta vida ha gozo, a mim no emtanto
O mundo, a propria terra é o proprio In-
[ferno !

ALMIR DOMINGUES

LONGE DE TI

A' minha consorte.

«Stella», meu amôr, vê como a aurora
Nasceu tão negra para o casto amante...
Vê que minh'alma junto à tua chora,
Ambas soluçam num viver constante.

Pungente dôr o peito meu devora,
Passar, meu doce amôr, vida inconstante...
O que soffro, o que vou sentindo agora
E' uma longa saudade cruciante !

Maldigo a sorte deste amôr ditoso;
A injustiça de Deus Omnipotente,
Quando nada p'ra mim é venturoso.

Viver longe de ti, do bem querido :
E' obrigar a descrer sem ser descrente,
E' vegetar sem nunca ter vivido.

MATTOS GOMES

PAGINAS INFANTIS

Fragmentos

(Conversando com os mimosos leitores das «Paginas Infantis».

Vós que sois ainda a flor que desabrocha risonha, humedecida pelo orvalho dos carínhos; uma nota dulcissima, quebrando a monotonia da existencia fatigante, ouvi o que digo, commovida á vossa suave lembrança, e procurae aproveitar o que de bom aqui houver.

Sois a aurora que desponta radiosa, e nos deslumbra; sereis um dia talvez o sol ardente que affaga e estiola, e finalmente a estrella que vae pelo espaço, lucillando, lucilando, até lançar-se no occaso da Eternidade...

Na aurora, o riso estala crystallino; impõe silencio aos corações e abafa os ruidos todos da natureza em festa... ao meio dia da existencia,—a mocidade,—o coração é a borboleta louca que procura o sonho, e cheia d'essa poeira doirada que são as illusões, deixa-se embalar bafejada pelos effluvios divinos da Esperança.

No crepusculo, a alma é a sombra do bem que gosou; busca o socego na paz da consciencia, olha a flôr que se entreabre e murmura baixinho n'uma prece de saudade, onde a lagrima se crystallisa.

—Eu tambem fui assim... !

Na aurora fluctuam cantos; no zenith, quando o sol brilha com mais fulgor, às vezes surge além na curva azul do céo uma pequena mancha escura, que vae crescendo, crescendo... tolda a limpidez do firmamento, occulta as scintillações do astro rei. Ao cahir da tarde, quando a natureza immobilizada na calma do Angelus, deixa extravasar d'esse mystico recolhimento uma doce serenidade, estrellas flammejam, deitam chispas deslumbrantes, e vão se extinguindo pausadamente, com brazas ardentes cobertas de cinza adusta...

Na infancia, a alma é toda encantos... aproveita o gorgeio que o riso, o perfume que é innocencia», e despreza a luz da razão que é soffrimento. Flôr, aquecem-n'a os beijos; astro, illumina os intimos refolhos d'alma, expulsando a nostalgia que consome, e o tedio que mata; innebria-se nas doces emoções; e ao pontilhar da lagrima, o canto irrompe sonóro dos labios puros, e vae pelo infinito accordando a alegria ao trescalar aromas.

Na mocidade, o sol dardeja filetes aureos que cegam e offuscam; os labios riem e o coração opprimido por occultas magoas, queda-se a chorar... na velhice, o crepusculo desce de manso; empolga a alma com a doçura de um beijo, e a attracção de uma lagrima !

O galante Mario, filho do dr. Augusto Sarmento

A vida é curta : como o sonho que se evapora aos primeiros albores do dia, a existencia esvae-se no Nada, e apenas o tumulo reflecte a sombra do que [illegible]mos na realidade...

E pois, sede a borboleta que adeja livremente, e não teme rasgar as azas; inebrianvos com o trinar dos passaros e o luzir das estrellas, tornandovos o iman que prende e captivo; a graça que é sorriso, e o sorriso que é felicidade.

A infancia é o raio luminoso que penetra nos corações sombrios dissipa o denso negrume da tristeza, e fal os reviver á miragem seductora da aurora que se extinguiu no occaso da Saudade !... E' a fé que anima, é a esperança que consola; a belleza casta que arrebata e o sonho que acalenta; a caridade que estende a mão pequenina aos deserdados da sorte; e não nega jamais o conforto sublime de uma lagrima, á pobre mãe a quem roubaram o filho querido !

Sede o bem para a indigencia, a luz para as trevas, e o phanal protector ao nauta accossado pelo furor da tempestade; resus-

DE S. PAULO

O menino Theophilo Lameirão

citae a crença nos corações abatidos pela desgraça .. fazei surgir aos olhos dos reprobos a aurora do arrependimento e a estrella da esperança, vós que sois luz, flores e cantos !

Sede para o orphão o guia, para o culpado o perdão, enflorando-lhes a alma ao reverbero dos vossos olhares meigos.

A ingratidão vos ha de ferir talvez, quando fôrdes o sol que brilha no zenith; as vossas illusões talvez murchem ao desalento mortal, e baqueiem no sólo da desventura... embora !

Sereis sempre a mesma alma grandiosa e nobre, que na perigrinação pelo mundo sabe minorar o soffrimento alheio, sem perscrutar-lhe as causas.

Na aurora da existencia sois cantos; na mocidade sereis risos, e na velhice, quem sabe ?... talvez lagrimas !

Não vos fieis nunca, em que outrem dará o que negardes; fazei o bem pelo bem, e cerrae os ouvidos á voz do coração, porque elle é fraco, e algumas vezes covarde.

Ouvi os brados da consciencia; procurae fazer o que a vossa razão ordenar, e assim na curva estreita do caminho extremo», ao olhardes atraz, não sentireis a lagrima borbulhar nos olhos, e o remorso vos dilacerar a alma.

Sede a luz que não offusca, e a justiça que não esmaga; a caridade que, ao gemer do infortunio se dilue no crystal das lagrimas, lhe deposita no coração o obulo de um carinho.

A esmola que a mão infantil estende á mizeria que passa, á «orphandade que ri, innocente è descuidada», equivale a uma aurora de esperanças, e uma noite de bençãos !

Crêde na real existencia do Verbo-Divino; curvae a fronte juvenil, dobrae o joelho reverentes e humildes ante a imagem do vosso Deus, e n'um assomo ardente de fé, implorae lhe bem alto a valiosa protecção.

«O coração da infancia é um enigma em miniatura... um mysterio indicifravel, onde turbilhonam meigas contradicções...» —dizia mme. de Sevigné.

Effectivamente, ha mysterios adoraveis no vosso coraçãosinho, que a tudo ama, porque vive cercado de affectos.

O pranto que vos illumina a pupilla é uma contraversia ao caracter juvenil, ainda não formado. que se expande em rosas... e o riso que vos assoma aos labios, contínua a ser um mysterio pontilhado de encantos !

....

....

A vida é curta... Bem depressa a mocidade extingue-se ao gelido sopro da velhice !...

Guardae da aurora em que hoje brilhaes, uma restea de luz; o amor que ennobrece, e a harmonia de riso terno. . do sol ardente que scintilla no zénith, um unico raio, languido e vaporoso que não vos creste o coração; e quando vier o crepusculo violaceo da saudade, tereis a frescura de uma lagrima, para amenisar os soffrimentos que as reminiscencias provocam.

A infancia é o «botão de entre fechada rosa»; a mocidade é a rosa marcescente muítas vezes, abandonada na haste; e a velhice as petalas odoriferas que jazem no chão, amarellecidas e desfeitas. No botão aninham-se risos; na rosa occultam-se esperanças, e nas petalas fanadas, tremem os aljofares luminosos que d'alma deslisam.

Ouvis ?...

DE S. PAULO

Latino, Carola e Chiquinho Lameirão

A menina Odette da Silveira

Sede a estrella que illumina as noites sombrias, e um reverbero de luz para os corações tristonhos; o riso que alegra as almas, o amor que traduz innocencia, e regencia os maus... e sobretudo, não vos esqueçaes nunca de personificar a Caridade !..

E quando cahir sobre vós a noite eterna, haveis de vel-a com espanto metamorphosear-se na mesma aurora que hoje vos illumina; olhareis então o passado, e, contentes ao ver a esteada já percorrida atapetada de flores, com o sorriso nos labios e a paz no coração, voareis de novo, buscando os páramos que abandonastes inconscientes ainda, e onde a luz é a alma do amor, e o amor a vida da alma !

Rio, 22—8—916.

ALICE DE ALMEIDA

Perfis de normalistas

XII

Esboçar um perfil, é sem duvida alguma a cousa mais difficil, não só pelas tortuosidades que o modelo apresenta ás vezes, (pequeninos deffeitos moraes) como pelo empenho de se falar a verdade, sem faltar o devido respeito á perfilada.

A justiça é o apanagio das almas delicadas, e eu (modestia a parte) conto-me n'esse numero; por isso mesmo, de quando em vez escapam-se da penna, línhas um tanto «duras de roer».

Porem me não inquieto, porque em todos os tempos prevaleceu o dictame; «quem fala a verdade, não merece castigo».

Baseiando-me n'isso, de bom grado dispenso os rodeios e phrases ambiguas : vou direita ao fim que me proponho. não importando-me com o resultado das verdades «entragaveis».

Depois não morro de caretas, e para as «gentilezas» que (segundo dizem) me dispensam as jovens perfiladas, torno-me surda e muda.

Mas... basta; e como não ractifico as minhas acções e palavras, retratemos sem mais delongas uma encantadora 3ª. annista, muito espirituosa e galante.

E' mlle. T. F. de quem hoje nos occupamos, pois a mesma já anda dizendo mal da minha pessoa por se não lembrar d'ella.

Baixa, e alguma cousa gorda, é graciosa nos gestos menos apercebidos e mesmo affectados. O rostinho redondo como um pastel de «Latour», tem a lactea brancura das hespanholas, e é emmoldurado por madeixas mais negras do que o ebano, cahindo em caprichosas espiraes sobre as espaduas; os olhos grandes e rasgados, espiam-nos feiticeiramente, meio velados nas cortinas de velludo negro, e captivam pela docura que reflectem.

O nariz correcto, de narinas um tanto dilactados e ligeiramente roseos, bocca pequena e perfeita, labios sempre abertos em amaveis sorrisos.

Mlle. T. F. que deve contar pouco mais de dezessete annos, usa os vestidos muito curtos, no rigor da moda, o que é perdoavel attendendo á sua mocidade tão florescente.

Dotada de genio pacifico e intelligentissima, é Mlle. estimada pelos mestres, e figura saliente em todos os exames.

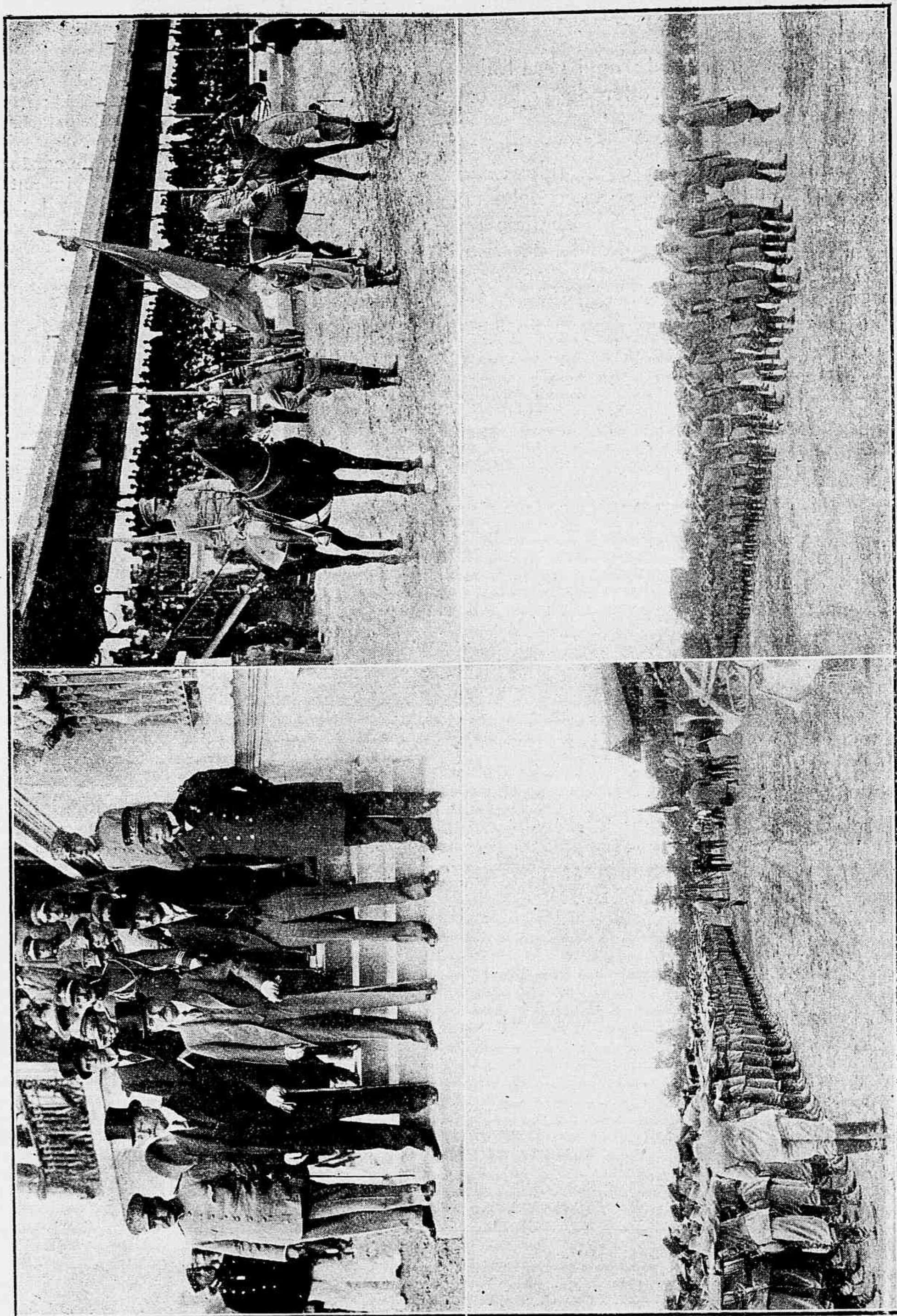
Outr'ora era em extremo religiosa; actualmente porem, só sabe orar n'uma elegante capellinha, em cujo altar-mór, resplandece a imagem de um unico... santinho !

Achamos naturalissima essa disposição de espirito em que se acha Mlle. e aconselhamol-a a que continue, porque um bom «alfa» deve aspirar optimo «omega».

Mlle. T. F. reside no suburbio, em rua cujo nome é o de um popularissimo e já fallecido medico homeopatha.

E por hoje... basta de indiscripções

TYRANNA

PELA DEFEZA NACIONAL

1)—A Bandeira Nacional desfraldada para o acto solemne do juramento. 2)—O sr. presidente da Republica ladeado dos presidentes de Santa Catharina e Paraná e ministros da Marinha e da Guerra e altas autoridades, assistem a solemnidade. 3)—Os voluntarios desfilando em continencia ao sr. presidente da Republica. 4)—Os **voluntarios prestando o juramento á Bandeira.**

Palestra

Podemos porventura governar nosso coração?

Colloco esta pergunta aqui para todos que me lêrem, e quizera ter de cada um uma resposta.

Na época de hoje, o coração vae muitas vezes de embrulho com os sentidos: são raros os que sentem o coração bater no ambiente puro de um grande sentimento. Em nosso buliçoso seculo, onde, dir-se-ia, não ha quasi tempo para se pensar, o coração, este orgão tão superior tomado na sua essencia moral, não é senão uma victima de sensações exteriores...

Alguem disse que o coração é governado pelo cerebro. Tudo que impressiona a imaginação, decalca-se como sobre papel de seda em caracteres fortes, sobre nosso coração.

D'ahi o perigo incessante para naturezas impressionaveis, d'ahi a difficuldade do governo, d'ahi todas as fraquezas, todas as deploraveis miserias, todos os soffrimentos!

Para que possamos governar nosso coração, é preciso que a força de vontade, qual humilde esponja incansavel, apague á cada instante os impressionantes desenhos que vão, qual fino bordado, traçando arabescos delicados neste sitio tão nosso onde ninguem penetra... o pensamento!

E' alli, n'aquelle recanto intimo da alma, da intelligencia, que se abrem, ás vezes de repente, outras lentamente, as flôres maravilhosas do sentimento...

E' alli, onde só Deus e nós penetramos, que se desenrolam as scenas emotivas, os dramas secretos, os silenciosos heroismos!

O cerebro trabalha qual mechanismo maravilhoso, e o coração vae recebendo as impressões...

Podemos porventura governar nosso coração?

Deixo aqui esta interrogação, para quem quizer dissertar sobre o assumpto... ha opiniões tão diversas! — MARGARIDA.

O destino

Ao joven Fernandes Junior.
(Valença)

O destino de cada um de nós, está registrado no livro sagrado da natureza; ninguem te poderá roubar a sorte, ella està lançada nobremente nas tuas mãos.

O teu porvir, quer de rosas ou de cardos, já está gravado na immensa tella immutavel do destino. Consola, consola poéta; as dôres de agora são flores no futuro; o espirito adianta-se, progride, a susto dos soffrimentos da materia.

Aproveita as tuas dores, tira uma centena de aspirações n'ellas contida, extrahe a sua essencia, que é lenitificadora. Nada mais punge e nos augmenta o carpir, do que a ausencia de quem se ama; mas, o que fazer? Pois foi o destino quem roubou-te a musa!

Queres um consolo? Ponha-te em meditações, pensa nas grandes obras de Deus, na sua extrema bondade e na omnipotencia divina, que acharás um lenitivo para as tuas atrozes dôres; veràs na massa azul do universo, um ponto verde, é o destino, a esperança dos nossos corações.

Crê, homem, que o destino teu será teu; o que nasceu para ser teu, serà; amas?

Ella te ama? Então, espera o destino, espera o teu dia feliz e deixa que os outros zombem de ti. O poéta, que não soffre, não tem lyra.

Queres notas mais emmocionantes, do que os gemidos do coração, os suspiros da noss'alma? Se não tens religião, sejas ao menos fatalista; o que tiver para acontecer, acontecerá.

Despreza para longe a tua nostalgia: toma com coragem o calix da amargura, e verás o fél se transformar em mél, que se emanará dos labios purpurínos d'aquella, que será o teu derradeiro amôr. Algum dia, queixando-te da sórte, disseste: «Allec jacta est»; e então? Como te queíxas?

M. V.

BILHETES POSTAES

Nas horas mortas em Botafogo!

A' quem me entende.

Quando ouvires no silencio da noite o piar do solitario mocho, na mangueira copada, creia, que são os tristes lamentos e doridos prantos, que constantemente solta e derrama, a minh'alma margurada e errante, que vae em busca de um lenitivo, para suavisar a dôr inaudita do meu pobre coração torturado pela dolorosa saudade!...

Vai a minh'alma nas azas de um suspiro em busca do teu carinho!...

Rio, 8—10—916.

ZITINHA

— —

A' quem amo

Eu era uma descrida, tornei-me n'uma crente fervorosa,desde que teus olhos,apaixonados e santos,pousaram sobre os meus! Lembras-te?... quanta pureza existia no teu olhar!... Eu nunca mais pude esquecer aquelle feliz e doce instante, em que presa a ti, senti-me para sempre!...

Rio, 8—10—916.

ZITINHA

——

Ao meu idolo

Eu leio no teu olhar que só traduz bondade, a doce expressão do puro sentimento!... «A grandeza de tua alma e o teu sincero amor!»

Rio, 9—10—916.

ZITINHA

* * *

Ao C. C.

Phebo se esconde; a terra cobre-se de luto; e emquanto Delia com sua luz diaphana, brilha no empyreo, meu coração soluça ao lembrar-se de ti. Chamo-te mas em vão. Procuro-te, não te vejo. Só tua imagem está no meu pensamento, e as tuas ultimas palavras soam como o echo ainda junto a mim: «Adeus, até amanhã»!...

AMELINHA M.

. · .

A' quem me comprehende

Amar! eis o que me anima na estrada espinhosa da vida.

JUDITH

——

A' quem amo

A idéa de em breve separar-me de ti faz-me soffrer horrivelmente.

JRDITH

. · .

O CE'GO

De porta em porta a mendigar a esmola,
O pobre cégo esfarrapado passa;
Nos labios leva a prece que consola
A alma vergada ao peso da desgraça.
Eil-o que passa na cruel jornada,
A mendigar esmola p'ro sustento
Da filhinha que, magra, descarnada,
Muito chora por falta de alimento.
Como doe ver-se as orbitas vazias!
Sepulchro amargo de felizes dias!
Mortos agora nesse fundo pégo:
Oh! como sangra o coração da gente,
Ouvir-se do mendigo a voz plangente:
—Uma esmola por Deus, p'ro pobre cégo!

ALFREDO GOULART ALVES

Meyer.

. · .

A' illustre collega J.

O amor dimana de um simples trocar de olhares; se não fôra assim, não teria eu sentido essa sensação, aliás agradavel,pois, nada mais tenho feito que vos fitar de longe...

A. B.

Campo Grande.

. · .

Respondendo a Adelina M. N.

Se a mulher désse fim a existencia todas as vezes que ama e não é correspondida com a mesma sinceridade, creias boa amiguinha, que nós outras, em breve deixariamos o mundo habitado somente por «elles».

ALICE MARIA PEREIRA

A' Egeria Lopes

Não sei como responder a tua pergunta sobre o amor, pois o teu amor é voluvel; não o conheces ainda. A minha opinião é simples: acho que é feliz quem vive alimentada por este sublime sentimento, pois elle conforta a alma e dá vigor ao coração.

DJANIRA VASCONCELLOS

. · .

A' incinuante Sulamita

Q... m... n... p... n... d... t... d...

Traduzi as tuas oito letras e não trepidei em responder-lhe: O—a... é—s... p... e d... q... q... Sorriste, que fazer, se para tortura do meu coração Deus te criou tão meiga, tão bella, como as violetas; hei de soffrer fruindo a aspiração de um dia possuir-te e como sei que no recanto de tua alma angelical se occulta um pouquinho de amor por mim, confesso que te amo mais que a propria vida.

GERALDO

* * *

Ao distincto collega e artista Kazuza:

A arte é a maior esperança do homem; aquelle que não é artista a sua vida não passa de um tom monotono.

ARMANDO SILVA

Riachuelo.

——

A' quem eu sei:

Assim como Phebo lança seus raios luminosos sobre a terra, tambem os meus nasceram só para ser lançados sobre ti

ARMANDO SILVA

Riachuelo.

Ao meu noivo Jorge

E's a estrella protectora que illumina os tristes dias de minha vida amargurada,sem

o teu amor é-me impossivel a existencia do meu coração.

MARIA JOSÉ

. ˙ .

A' mimosa Nair de Souza

Amar sem esperança, não tem outro refugio senão a morte.

CARMOSINA

A' meiga Olga Veneno

Atraz da poesia do amor, vem a prosa do casamento.

CARMOSINA

A' sympathica Cesaria S.

As maiores distancias, não são bastante para que esqueçamos o ente que amamos.

CARMOSINA

A' quem dediquei o poemeto Laurinha

Ainda torturado pelo pesadelo de tua accusação, fico quedo em transporte de dor, depois de tão dolorida vergastada.

MAIA

. ˙ .

O ciume é uma paixão originada pelo desejo de possuir o que desejamos com medo que seja possuido por outrem.

ARMANDO SILVA

E. do Riachuelo.

* * *

Imitação !

Para Isaac d'Oliveira

A dor que mais crucia um coração,
Que mais nos fere no correr da existencia,
E' aquella que nos traz recordação,
A «Ausencia» !

A tristeza mais dominante nesta vida,
Que traz a alma em negra escuridão,
E' aquella cruelmente produzida
Pela... «Ingratidão» !

Ha na vida uma dor mais dolorosa,
Que magôa sem dó, sem piedade !
Abrindo no peito uma chaga cancerosa,
A «Saudade»... !

AUGUSTA G.

Rio, 7—10—916.

. ˙ .

Ao Oswaldo de Almeida

As tuas palavras inspiram-me uma sympathia tão profunda que o meu mais constante desejo se encerra em conhecel-o.

INCOGNITA

Ao Celso H.

Os teus olhos negros e languidos conseguiram penetrar até ao fundo do meu coração ; crês ?

C. G. 1616.

K. MELIA

A bôa amiguinha Rosée d'Or

E' tristissimo, quando dois corações que se amam mutuamente e julgando trilharem no caminho da felicidade, encontram uma barreira terrivel que os impede de continuar.

FLEUR D'ORANGER

A' Juquinha (José Lopes)

Minha vida se resume em teu amor e sem elle, ella se extinguirá.

FLEUR D'ORANGER

Cascadura.

Aos noivos Laura Corrêa e Antonio de Albuquerque.

Bemditos aquelles cujos pensamentos illuminados pelo raio da verdade, arrojam por terra os castellos construidos em sonhos e idylios, transformando-os em flores e felicidades !...

FLEUR D'ORANGER

. ˙ .

Querida Zica

Não ouves, na solidão da noite uns ais doloridos ? São os meus suspiros que te vão procurar.

MYOSOTIS

Zica

As amigas sinceras são como os anjos que nos vêm dos céos, para consolar e adoçar as amarguras da vida.

M.

Querida Zica

O amor alimenta a alma, como a crença em Deus fortalece o espirito.

MYOSOTIS

. ˙ .

A' quem amo

Amar é a maior felicidade que pode um mortal conceber, quando se ama com fervor e se é correspondido com sinceridade; tornando-se o maior dos soffrimentos, quando se é repudiado pelo ente que dedicamos este nobre sentimento.

Rio, 28—9—916.

VAESILDER PARIÁ

. ˙ .

A' minha prima

A fidelidade é a prenda mais preciosa que uma mulher pode dar ao seu bem amado.

DÉDÉ

Omedotsira desprezado

Amar e não ser amado é um ser perdido nas trevas.

DÉDÉ

. ˙ .

Morena (Bangú)

As alvores quanto mais tempo se passam mais se arraigam, assim é o meu amor, quanto mais velho mais se aprofunda no coração.

OMEDOTSIRA DESPREZADO

Ao Léo

A ingratidão é arma venenosa que apunhala mortalmente meu coração, que te ama sinceramente.

A palavra—Felicidade—só tem moradia nos corações que se comprehendem mutuamente.

Embora com a tua inexplicavel ausencia, meu coração vive sobre esta sublime palavra :—Felicidade.

TUA LÓA

* * *

A' inesquecivel Amelia Silva

A tua amizade querida amiguinha, me conforta e anima nos momentos mais tristes desta vida enganosa.

MAIRO

Rio, 4—10—916.

. . .

Maxima

O despreso é a arma do heroe civilisado.

S. C. de C.

Rio, 1916.

* * *

Saudade ? Saudade diz tudo o que sente a dor de uma alegria passada, como diz : Saudade, tudo que sente pulsar em si a Vida.

Saudade diz tambem a Natureza... E o sino ao dobrar longinquo, além, no cemiterio, tambem quer dizer; Saudade.

Ao Manéco

A mariposa esvoaçando em torno de muitas lampadas, cahe desfallecida. O homem que zomba da mariposa rende se por um olhar apenas.

LÉO DA SILVEIRA

* *

A' Irene

Partiste bruscamente... nem um adeus ! Onde estás' respiras o oxygenio puro, á brisa perfumada...

Eu, ferido pelo golpe que me destes, morro lentamente, tendo por alimento a torturante saudade que deixaste gravada em meu coração...

ESTUDANTE

. . .

A' senhorita Alice Pereira

O maior soffrimento para um coração que ama, é não ser correspondido.

Vosso despreso fére meu coração e entristece minh'alma, mas apezar de tudo amar-vos-ei sempre.

INVAR

. . .

A' alguem

Assim como Christo nasceu para nos salvar, tambem nasci para te amar.

DAYDREAMS

Ao M. J.

No meu coração sinto uma recordação do passado que é o "Amor".

DAYDREAMS

. . .

A' gentil A. B.

O meu coração assemelha-se a um tumulo, onde ficará gravado eternamente o teu meigo nome.

OSWALDO DE ALMEIDA

A' boa e dilecta F.

Saudade ! Eis o espectro que, quando estou longe de ti, faz o meu coração ficar dilacerado, e pungir acerbamente, mergulhando-o num profundo tedio !...

ORLANDO RODRIGUES

. . .

ESTÃO NA BERLINDA :

Nenè Neubern por ser altiva.
Alceu Parreira por ser uma teteia,
Julieta por ser o typo da belleza.
Abilio Neubern por ter lindos olhos.
Cisira Nauni por não saber dançar.
João Parreira chic dos mais chics.
Zaîra Souza por ser a moça mais bonita de Falcão.
Alfredo Castro por dançar melhor o One-Step.
Lydia Neuberd por ser possuidora de lindos cabellos.
Zico Machado por andar sempre smart.

JAPONEZA

A' inolvidavel amiguinha Edith C. de Sá

Os teus meigos olhos são dois luminosos raios que jamais se extinguirão !

Apezar do teu retrahimento ainda tens uma amiga que por ti tem um amor puro e leal.

Da desprezada

EDITH

. . .

Li Z
V I oletas
Lila Z
Jasm I ns
Chrisa N themos
Da H lias
Cr A vos.

(B. Apaixonados) DR. CANASTRA

* * *

A' Ella

A ida se tu soubesses
I dealisar o nosso amor,
D esde que tu tivesses
A inda mesmo sem fervor
D entro do teu coração
U m amor puro e leal
Q ue jamais a ingratidão
U ltrapassasse os limites
E u seria o teu ardente
E fiel adorador...
S ervo humilde e obediente
T endo sempre aberto em flor
R astejando a teus pés
A minh'alma apaixonada
D iz-me amar-me, por quem és
A ida Duque Estrada.

OIVLYS ONEROM

Dedicado ao Alvaro Mattos—Meyer.
Eu quizera conhecer os mysterios do teu coração, para assim comprehender porque me fazes soffrer tanto.

SAUDADE ROXA

.·.

A' minha querida

Ac C acias
Perpetu A s
Crisa N themos
Espirra D eira
Lyr I ios
D halia
Ros A s
O teu admirador

LUAR

* * *

Para Julinha Pereira, minha gentil priminha
A flôr que hontem era bella e viçosa
E que hoje prende na haste resequida,
E' a imagem pungente e dolorosa
De uma illusão para sempre perdida.

MARIA DA GLORIA R. PEREIRA

Para a querida amiguinha Iris de Lemos Rache
I mmaculada como uma flôr mimosa,
R adiante e linda como a luz do dia,
I nnocente, gentil, meiga e carinhosa,
S ymbolo real da graça e da alegria.

MARIA DA GLORIA R. PEREIRA

Para a mana Isaura Rodrigues Pereira (em resposta)
E' bem certo o que dizes querida Isaura. Quantos ha que apezar de viverem na opulencia, não gozam a paz e a ventura, que gozam aquelles que vivem do seu trabalho! Sejamos pois simples. Não aspiremos altos castellos, pois que a felicidade tal qual dizes, depende muitas vezes da simplicidade dos nossos ideaes.

MARIA DA GLORIA RODRIGUES PEREIRA

.·.

Para Mlle. Ecilia.

A saudade é uma dor sincera e pura que nos emana do intimo d'alma todas as vezes que se nos depara occasião de nos encontrarmos distantes do ente amado.

Ella nos proporciona uma dor tão sublime que não é dado a todas as pessoas sentir.

Felizes dos corações que vivem torturados pelos seus benéficos raios, pois, que, nelles, jamais fenecerá o amor distante.

CYRENIO MOREIRA

A' ti...

Alta noite, quande a brisa agita de manso a copa dos arvoredos, e os passaros nocturnos cortando o espaço em varias direcções, eu, em profundo silencio quedo-me solitario a scismar. Durante essa lethargia, uma dor indiscriptivel apodera-se de minh'alma emquanto uma scisma atroz dilacera-me o coração.

Quereis saber as razões do meu constante soffrer?

E' que no silencio da noite, quando as estrellas brilham no vasto campo celestial, minh'alma sente o abandono cruel em que a condemnaste, emquanto a enfadonha incerteza de não chegar a ver meus mais ardentes desejos coroados de exito, vae, pouco a pouco, matando as mais sensiveis fibras do meu coração.

CYRENIO MOREIRA

A' Mlle. Filhinha (Respondendo)

O coração dos homens é de uma constancia pouco commum entre os corações femininos. Se quizerdes ter a prova do que vos digo, abra-os e nelles vereis o exemplo sacrosanto da abnegação e a pura éssencia do amor.

CYRENIO

.·.

Postal em resposta ao Nelson P. de Souza

Diz o snr. que as mulheres com rarissimas excepções são verdadeiras... Pois outro tanto succede com os homens; porem estou certa que se encontram com mais frequencia mulheres sinceras, que amam com dedicação sem limites, que vão até ao sacrificio, do que homens. Estes amam por simples passa tempo. Divertem-se a dizer palavras gentis áquellas a quem dizem amar, e estas muitas vezes simples e credulas dão credito ao amor que elles dizem lhe votar e que afinal, estão bem longe de sentir; pois é incontestavel, que aquelles que mais fallam no amor, são os que menos o conhecem.

Setembro 1916.

IAMAR OLGA ADIR

.·.

Ao Tenente Tonico

Não pódes calcular a sorpresa que tive ao ler as poucas linhas que me dedicaste; duvido ainda que saibas quem se occulta sob o pseudonymo de "Lorigan de Coty".

Preciso que mais claramente demonstres o teu conhecimento sobre essa pessoa... Peço-te que publiques n'estas mesmas columnas alguma coisa que torne patente o teu conhecimento.

Espero anciosa a tua resposta pois somente d'ella depende a minha tranquilidade. Pòdes crêr que nunca deixei de te amar. Acredite na sinceridade da

"LORIGAN DE COTY"

S. Christovão 6—10—916.

. ˙ .

Walkiria Braga

Amaste-me um dia. E eu julgando-te ingenua, feia mesmo, desprezei o teu amor! Eras creança e inexperiente, e eu não podia amar-te. Esqueceste-me... Hoje porem o destino o quer, e eu te amo! E tu não te lembras de mim... Mas, porque te amo hoje? E' que a tua graça, as tuas distinctas qualidades, os teus encantos, os teus bellos pensamentos poeticos que tanto aprecio e finalmente, todo o teu romanesco ser, me inspiraram um amor profundo. E ousarei eu declarar-te esta paixão? Não; falta-me a coragem, temo o teu despreso. E dizeres que fui eu o unico culpado, si hoje não me pertenees... Resignar-me-ei si assim permittir o amor que te consagro. Adeus...

C. F.

. ˙ .

Ao Cyrenio

A saudade é a lembrança eterna de um amor desfeito. Ella é um instrumento tão puro, que só a poderá sentir quem como eu teve a desdita de amar, e ver o seu sonho desapparecer de um momento para outro, nas azas da perfida ingratidão.

———

Ao Cyrenio (Respondendo)

Dizes que o amor é a esperança da mocidade e a consolação da velhice. De accordo, não o contesto. Mas... se tu pensas deste modo, porque me abandonaste, desprezando um coração que te amava sinceramente? Porque procuraste matar com o teu desprezo os ultimos raios de esperança que me iam n'alma? Não sentiste o remorso invadir tu'alma, ao fazeres soffrer um coração que só por ti palpita?

CARMEN

* * *

A' gentil senhorita

Magno L ias
Vi O letas
Ange L icas
L Y rios

OHNITNAS.

* * *

A' minha irmã.

O casamento nem sempre é a felicidade, muitas vezes elle nos arrasta para o tumulo de uma desgraça perpetua!

JULINHA FRANCO LIMA.

———

Dedicado a J. Pinto Costa.

Não ha nada mais doloroso para um coração sensivel, que ama verdadeiramente e ve os seus ideaes despedaçados cruelmente sem uma causa justificavel!

JULINHA FRANCO LIMA.

———

A' querida Amarylles.

A ingratidão, é um dos maiores venenos para o coração amoroso, felizes daquelles que chegam a ver os seus sonhos realizados, e os seus castellos erguidos, sem conhecer esta tão cruel palavra — Ingratidão.

JULINHA FRANCO LIMA.

* * *

Ao gaúchinho.

Não julgues por me veres sempre risonha que eu seja feliz, porque o riso é um véo fulgurante que trago para cobrir as chagas de meu coração. O coração que anda illudido é como o barco que vae viajar sem rumo.

GÁUCHINHA.

* * *

A' Corina Lopes.

C re, se te não vejo; sinto
O coração em nostalgia,
R ememoro noite e dia
I instantes doces passados
N aquelles tempos alados,
A o lado teu que alegria!

MARY.

———

A' Corina Lopes.

Assim como o orvalho matinal, dá vigor e belleza as flores; assim teu olhar tão

meigo, talvez daria vida ao meu pobre coração cheio de soffrimentos.

MARY.

*
* *

A gentil e fascinante Maricóta.
(dos Apaixonados)

Recompensa !
Um poderoso iman, attrahe-me ati,
Por um amor, de uma amizade pura e sã,
Tenho-te, carinhosa affeição, amizade tanta
Quanta póssa dedicar-se a uma irmã !

DR. CANASTRA.

— —

A' seductora Benedicta.
(dos Apaixonados)

B ondosa
E ncantadora
N iveladora
E legante
D elicada
I ntelligente
C aridosa
T ravessa (Em summo gráo)
A ttrahente.

DR. CANASTRA.

* * *

Ao primo Walfredo.

Não me perturbes este calmo peito
Nem me fales de amor, que sou descrente
Deixa-me vivendo insatisfeita
Carpindo as maguas que meu peito sente

Deixa-me assim, errante, desgraçada,
Longe da essencia matinal das flores
Tendo em meu peito, afflicto, encarcerado
O coração num turbilhão de dores

Deixa-me assim, beirando a sepultura
Neste soffrer atroz amargurado
Sugando o fél de minha desventura
Vendo meu coração encarcerado

LEONA PIRES.

——

A' meiga Pequenina.

Quem ama despedaça sorrindo o proprio coração, adormece emballado por falazes illusões e desperta com o desespero na alma.

ELMIRA CAPARELLI.

——

A' Olga.

Quem ama a vida e deseja que seus dias sejam felizes, não deve amar, porque o amor traz-nos a tristeza e muitas vezes a morte.

ELMIRA.

*
* *

A quem comprehende.

Pensava que o meu amor não fosse sincero mas, enganei-me e hoje soffro muito — só agora sinto o verdadeiro amor — E' tarde, porem... Resta-me a resignação para o consolo da alma.

De uma infeliz.

*
* *

A' boa amiguinha.

Cris A nthemos
Per R petuas
Cr A vos
Horten C ias
L Y rios
Vio L etas
Ang E licas
Jas M ins
Pap O ulas
Ro S as

ALICE MARIA PEREIRA.

*
* *

(Angustias-d'alma !)
Para o album de quem eu sei :

Harmonia !

A cada canto da vida a levantar-se a mirajen seductora do futuro, ou visão de cor de neve que o merecimento ve suspenderse muito além... que, engrinaldada de alvissimas e immarcessiveis flores arrasta as suas roupagens de rosas e estrellas pelos mundos anniquilados da gloria !

....

Riso !

Na estancia querida e adorada da mocidade, de lado a lado os chrystães brilhantes da mais viva scintiilação a resaltarem da corrente aljofrada que banha e lustra as crenças d'alma, a vida do coração... As flores aqui e alli, abrindo se em ondas envisiveis de languido perfume, offerecem em calices primosos aos beijos, dos risos, dos raios d'esta existencia de festa, amanhã mais que rizonha e feliz.

....

Felicidade !

A felicidade não está nem no esplendor da vida nem nas acclamações das turbas.

Floresce no fundo do coração, no doce recolhimento da familia.

ALDA G.

*
* *

A minha futura noiva...

E vonina
c R avos
ma N gericão
cam E lias
Rosa S
myoso T is
magerol I as
balsami N as
Hortencia A

QUIM.

*
* *

Mimosas flores, que constituem a flor suprema do Jardim que reclama : — meu coração.

Mar G aridas
Crisant E mos
R O sas
C R avos
G ira-sóes
V Ioleta
Suce N as
Cr A vinas

Pa P oulas
R E sedás
Jasm I ns
Malme Q ueres
Sa U dades
Amor p E rfeitos

ANTONIO REDDO

...de usar o **VIDALON**

Si os vossos filhos carecem de um revigorador para o organismo depauperado e anemico, deveis dàr-lhe:

VIDALON

TONICO FORTIFICANTE E ESTOMACAL POR EXCELLENCIA PARA TODAS AS IDADES.

FORÇA E VIGOR

SAUDE E BELLEZA

MOCIDADE ETERNA

Usal-o diariamente, mesmo sem receita, é conservar a saude e prolongar a vida.

RODOLHO HESS & COMP.—Rua 7 de Setembro 61 e 63

E. LEGEY & C.—Rua General Camara, 117

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 20 A 25